



Irmã Maria de Jesus e o Anjo-mulher



Valdir Taffarello
(Organizador)





**Grupo Espírita Cristão
Irmãos do Caminho**

*Irmã Maria de Jesus
e o Anjo-mulher*

Jundiaí, SP, Brasil, 2026.



Editor responsável:

Márcio Martelli

Todos os direitos reservados
ao Grupo Espírita Irmãos do Caminho,
que detém os direitos autorais
da obra para a Língua Portuguesa.

Projeto gráfico e editoração:

Márcio Martelli

Arte da capa:

Márcio Martelli

É permitida a reprodução total ou
parcial desta obra sem a prévia
autorização do editor ou do autor.

Revisão gramatical:

Maria Cristina de Moraes Taffarello

Jundiaí, SP, março de 2026.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grupo Espírita Cristão Irmãos do Caminho
Irmã Maria de Jesus e o anjo-mulher / Grupo
Espírita Cristão Irmãos do Caminho ; [organização
Valdir Taffarello]. -- 1. ed. -- Jundiaí, SP :
Editora In House, 2026.

ISBN 978-85-7899-850-9

1. Doutrina espírita 2. Espiritismo
3. Evangelho 4. Grupo Espírita Cristão Irmãos
do Caminho 5. Jesus Cristo - Ensinaamentos
6. Oração 7. Psicografia I. Taffarello, Valdir.
II. Título.

26-335852.0

CDD-133.901

Índices para catálogo sistemático:

1. Doutrina espírita : Espiritismo 133.901

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



editorainhouse



11 4607.8747 | 99903.7599



editorainhouse@gmail.com



www.livrariainhouse.com



editorainhouse

www.editorainhouse.com.br

Dedicatória

A minha esposa,
Maria Cristina de Moraes Taffarello,
que, com muita paciência, acompanhou o
recebimento destas mensagens ao longo
de todo o ano de 2025, lembrando
as radionovelas de antigamente, e se
propôs à revisão ortográfica deste livro.

Aos companheiros de estudo das Cartas de Paulo e
da Mediunidade Consciente,
no **Grupo Espírita Cristão Irmãos do Caminho**,
em Jundiaí, que possibilitaram
o ambiente espiritual necessário para que
estas mensagens pudessem ser recebidas.



Agradecimentos

Amigos do meu coração, desejo deixar-lhes uma pequena palavra com muitos significados: GRATIDÃO.

Gratidão àquela que cedeu seu corpo para gerar o corpo daquele que veio ao mundo para nos ensinar os caminhos para Deus.

E, lembrando dela, falamos também da gratidão a todas aquelas mães que cederam seus corpos para se transformarem em Templos de Deus para a geração da vida no planeta.

Gratidão a Nosso Senhor Jesus Cristo que, com suas palavras e gestos, doou a vida para nos ensinar o amor de Deus.

Gratidão àqueles que conviveram com Jesus e transformaram suas existências para poderem retransmitir aquilo que aprenderam com Ele.

Gratidão a todos aqueles que, ao longo dos séculos, ouviram os ensinamentos de Jesus e se propuseram ao menos a buscar colocar estes ensinamentos em seu dia a dia.

Gratidão ao tempo e à eternidade da vida, que nos dá a oportunidade de novas existências para podermos aprender a viver e caminhar para Deus.

Gratidão a todos aqueles que colocaram seus pensamentos em páginas escritas para que estes ensinamentos possam chegar a toda a humanidade.

No pensamento e no coração brotam muitos e muitos motivos para repetir a palavra gratidão, então endereçamos a Deus a nossa gratidão maior por ter-nos criado e dado a oportunidade da vida que temos.

O escoar dos tempos jamais diminuirá, apenas aumentará a gratidão que me vai no coração e que lhes endereço neste momento.

Irmã Maria de Jesus

Dezembro/2025

Sumário

À guisa de Introdução	9
Algumas palavras iniciais	15
01 - Alegria e tristeza se misturavam em minhas recordações	28
02 - A tristeza e a alegria permaneceram em meu coração	29
03 - Enquanto orávamos	30
04 - O mistério da água	32
05 - O sonho	34
06 - Enxergando mais além	36
07 - Diálogo no “Canto das Rosas”	38
08 - A história do Diogo	40
09 - Os “protegidos” de Maria Dolores	42
10 - O padre João e o nascimento de Jesus	44
11 - O dia da confusão assustadora	46
12 - A irmã Soledad	48
13 - Ouvindo a conversação	50
14 - A tarefa com as crianças	52
15 - A família do Mateus e Maria Helena	54
16 - Maria das Graças	56

17 - Os irmãos e a divisão de terras	58
18 - A visita dos padres	60
19 - A investigação	62
20 - A tarefa com as crianças e as realidades diferentes	64
21 - O sonho com a grande igreja	66
22 - A doença da Madre Superiora	68
23 - A oração do Ângelus	70
24 - A história de Adelaide	71
25 - Os pensamentos sobre a verdade	73
26 - A família Torres	75
27 - Antônio Piero	78
28 - Ana Luzia	80
29 - As tarefas iam se transformando	82
30 - O valor das pequenas tarefas	84
31 - As meditações sobre gratidão e a Madre Superiora	86
32 - A nuvem de tristeza	88
33 - A nova tarefa	90
34 - A volta da irmã Soledad	92
35 - Maria de Nazaré e o convento	94
Relação de livros do Grupo Espírita Cristão Irmãos do Caminho	97

À guisa de Introdução

I - Evangelho segundo São João Capítulo 10 Versículos 7 a 18

Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas.

Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não os ouviram.

Eu sou a porta; se alguém entrar a casa; o filho fica entrará e sairá, e achará pastagens.

9

O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.

Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas.

Mas o que é mercenário, e não pastor, de quem não são as ovelhas, vendo vir o lobo, deixa as ovelhas e foge; e o lobo as arrebatava e dispersa.

Ora, o mercenário foge porque é mercenário, e não se importa com as ovelhas.

Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas.

Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco; a essas também me importa conduzir, e elas ouvirão a minha voz; e haverá um rebanho e um pastor.

Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar.

Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho autoridade para a dar, e tenho autoridade para retomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai.

II - Evangelho segundo São João

Capítulo 13

Versículo 33 a 36

Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco. Procurar-me-eis; e, como eu disse aos judeus, também a vós o digo agora: Para onde eu vou, não podeis vós ir.

Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei a vós, que também vós vos ameis uns aos outros.

Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros.

Perguntou-lhe Simão Pedro: Senhor, para onde vais? Respondeu Jesus; Para onde eu vou, não podes agora seguir-me; mais tarde, porém, me seguirás.

III - Evangelho segundo São João

Capítulo 21

Versículo 25

E ainda muitas outras coisas há que Jesus fez; as quais, se fossem escritas uma por uma, creio que nem ainda no mundo inteiro caberiam os livros que se escrevessem.

IV - O Céu e o Inferno

Allan Kardec

Capítulo I – O porvir e o nada

Vivemos, pensamos e operamos — eis o que é positivo. E que morremos, não é menos certo.

Mas, deixando a Terra, para onde vamos? Que seremos após a morte? Estaremos melhor ou pior? Existiremos ou não? Ser ou não ser, tal a alternativa. Para sempre ou para nunca mais; ou tudo ou nada: Viveremos eternamente, ou tudo se aniquilará de vez? É uma tese, essa, que se impõe.

Todo homem experimenta a necessidade de viver, de gozar, de amar e ser feliz. Dizei ao moribundo que ele viverá ainda; que a sua hora é retardada; dizei-lhe sobretudo que será mais feliz do que porventura o tenha sido, e o seu coração rejubilará.

13

* * * * *

Todas as religiões admitiram igualmente o princípio da felicidade ou infelicidade da alma após a morte, ou, por outra, as penas e gozos futuros, que se resumem na doutrina do céu e do inferno encontrada em toda parte.

No que elas diferem essencialmente, é quanto à natureza dessas penas e gozos, principalmente sobre as condições determinantes de umas e de outras.

Daí os pontos de fé contraditórios dando origem a cultos diferentes, e os deveres impostos por estes, consecutivamente, para honrar a Deus e alcançar por esse meio o céu, evitando o inferno.

Todas as religiões houveram de ser em sua origem relativas ao grau de adiantamento moral e intelectual dos homens: estes, assaz materializados para compreenderem o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maior parte dos deveres religiosos no cumprimento de fórmulas exteriores.

Por muito tempo essas fórmulas lhes satisfizeram a razão; porém, mais tarde, porque se fizesse a luz em seu espírito, sentindo o vácuo dessas fórmulas, uma vez que a religião não o preenchia, abandonaram-na e tornaram-se filósofos.

* * * * *

14

Instintivamente tem o homem a crença no futuro, mas não possuindo até agora nenhuma base certa para defini-lo, a sua imaginação fantasiou os sistemas que originaram a diversidade de crenças.

A Doutrina Espírita sobre o futuro — não sendo uma obra de imaginação mais ou menos arquitetada engenhosamente, porém o resultado da observação de fatos materiais que se desdobram hoje à nossa vista — congraçar-se-á, como já está acontecendo, as opiniões divergentes ou flutuantes e trará gradualmente, pela força das coisas, a unidade de crenças sobre esse ponto, não já baseada em simples hipótese, mas na certeza.

A unificação feita relativamente à sorte futura das almas será o primeiro ponto de contacto dos diversos cultos, um passo imenso para a tolerância religiosa em primeiro lugar e, mais tarde, para a completa fusão.

Algumas palavras iniciais

I - Primeira notícia em 2013 Recado a um palestrante espírita

Conta-se que, em certa ocasião, um palestrante espírita de um pequenino Centro do interior foi convidado a fazer uma palestra em um Centro da Cidade Grande.

Responsabilidade aumentada. Preocupação aumentada.

Como atender aos reclamos espirituais da solicitação, sem saber direito a quem iria dirigir a palavra?

Como cumprir bem a tarefa, pensando apenas e tão somente naquilo que a espiritualidade esperava com o convite que havia sido feito?

As lições do Livro dos Espíritos e do Evangelho segundo o Espiritismos foram informadas antecipadamente. O palestrante se pôs a estudá-las e meditar sobre elas para formar um comentário útil aos ouvintes.

Mas...

Por mais que lesse as lições, nada lhe vinha à mente como comentário a ser feito. Se pensava em algum assunto para falar, logo lhe vinham as dúvidas: “Será que isso não é muito óbvio para esta pla-

teia? Será que não estarei falando de coisas que eles já conhecem muito melhor do que eu mesmo?"

E assim, de dúvida em dúvida, ia descartando todos as possíveis abordagens dos temas informados.

Véspera da palestra e nada resolvido. Orou a Deus pedindo ajuda, mas parecia que suas preces não eram ouvidas, pois nenhuma boa ideia surgia em sua mente.

Dia da palestra. Acordou entristecido por não ter nada disponível para falar. Orou com mais intensidade, mas o período do dia foi consumido com compromissos materiais que o impediram de pensar no assunto que mais o preocupava.

Chegou ao local da palestra com um vazio imenso na mente. O que fazer? O que falar? Ler as lições seria a tarefa inicial, mas depois as pessoas que ali estivessem estariam esperando uma palavra de esclarecimento sobre as lições. E ele não sabia o que falar.

Viu os minutos passarem, apreensivo.

Pouco faltava para o horário da palestra, sentou-se em um sofá um pouco afastado, pediu em oração, agora com mais intensidade, para poder falar com proveito sobre as lições e...

Para sua surpresa, um espírito se sentou ao seu lado e disse-lhe:

- Meu amigo. Trago-lhe um recado.
- Com certeza é sobre a palestra que vou fazer, não? É uma ajuda sobre o que preciso dizer?
- Sim, meu amigo. Seu pedido chegou ao Alto e me pediram para lhe trazer uma resposta. A orientação

é esta: “Diga às pessoas que meu Filho ama e confia infinitamente na humanidade. Conte isso a elas, pois muitos não sabem disso. – Maria de Nazaré.”

II – Outra notícia em 2016

Em 12/03/2016, recebemos uma mensagem de Rafael, o católico, descrevendo uma visita espiritual que ele e seus amigos fizeram a um Centro Espírita.

Nela é descrita a presença de um espírito, trazendo um recado de Maria de Nazaré ao grupo em reunião. Sabemos hoje que se trata da Irmã Maria de Jesus e que, após este acontecimento, criou-se uma amizade entre ela e Rafael.

Alice, Rosaura e eu fomos convidados por um instrutor espiritual a visitar e conhecer as tarefas de um Centro Espírita.

Devíamos permanecer os três sempre juntos, para que o aprendizado se desse em conjunto. Não podíamos interferir em nada do que ali estivesse acontecendo. Podíamos apenas observar. Tínhamos até mesmo a liberdade de auscultar os pensamentos dos encarnados que ali comparecessem.

Logo de início, nos chamou a atenção um senhor, irrequieto, que estava sentado para ouvir a palestra. Ouvimos o que ele pensava: “Eu me sinto bem-vindo a esta casa, mas como é difícil entender o que eles falam. Quando chego em minha casa, mal consigo me lembrar de uma ou duas frases que foram faladas. Às vezes são apenas algumas palavras soltas. Mas, tudo bem, vamos ver se hoje conseguirei entender melhor”.

Observamos depois uma das tarefeiras concentradas, como que em oração, e fomos até ela: “Senhor, quanta dificuldade tenho no trato com as crianças

que vêm a esta Casa. Apesar do meu esforço, não acredito que estou ajudando muito na tarefa de Evangelização Infantil. Me ajude, Senhor, a ajudar mais”.

Depois vimos um rapaz que colaborava nos passes e fomos até ele: “Meus Deus, como é difícil sustentar o pensamento em oração durante todo o tempo do passe. Será que eu estou colaborando, mesmo com os pensamentos infelizes que brotam na minha mente? Ou será que devo me afastar até ter um pensamento mais firme?”.

E assim fomos observando diversos encarnados e os pensamentos eram semelhantes. Mesmo assim, cada um procurava executar sua tarefa na reunião, da melhor forma possível.

Perto do encerramento, o silêncio maior se fez e o dirigente iniciou sua prece, como que resumindo o pensamento de todos, mesmo que ele mesmo não os conhecesse.

Por intuição ele falou: “Senhor, ainda não aprendemos a orar como nos ensinaste. Mas te pedimos que receba o nosso tempo e os nossos esforços para fazermos o melhor, pois esta tarefa é feita em teu nome, Senhor”.

Mal terminara ele de falar e vimos uma luz se fazer no salão.

Pela porta adentrava uma entidade que emanava luz de seu coração, clareando todo o ambiente e nos trazendo sensação de paz e de alegria.

Rosaura olhou para nós e disse: “Vocês estão ouvindo a música que se fez? E sentindo o perfume?”.

Eu e Alice nos entreolhamos e falamos quase a uma só voz: “Não, apenas estamos vendo a luz que emanou de seu coração”.

A entidade se aproximou de uma jovem médium que se encontrava em oração silenciosa e falou-lhe algumas palavras que ela transcreveu para o papel.

Ao término da reunião, o dirigente pediu que a médium lesse a mensagem:

“Minha filha, trago-lhes um recado de Mais Alto para vossa meditação. O recado é:

— Meus amigos, a boa vontade é a prece que alegra o coração de meu filho.

As imperfeições e os erros serão corrigidos com o tempo.

As deficiências são supridas pelas entidades espirituais que amparam as vossas tarefas. Confie.

Mas a vossa boa vontade é colhida por estas entidades, e, como um ramalhete de flores, é levada ao Meu Filho, que se alegra em recebê-la.

E, dos seus pensamentos, retornam bênçãos de esperança e fortalecimento a cada um que colaborou com o ramalhete, mesmo que seja por uma pequena tarefa aos vossos olhos.

Prossigam, meus amigos.

Perseverem na boa vontade para com as tarefas de Meu Filho em favor da humanidade.

Maria de Nazaré”.

Ao término da leitura, a entidade já não estava presente no Centro, mas sua influência se fazia presente entre encarnados e desencarnados, pois era-nos difícil evitar que as lágrimas brotassem de nossos olhos.

III – Ano de 2025

Em janeiro de 2025, participávamos de uma reunião de estudos no Grupo Espírita Cristão Irmãos do Caminho, onde em uma semana estudávamos as Cartas de Paulo e, na outra, aspectos da Mediunidade Consciente.

Começamos então a receber, semanalmente, mensagens de um espírito de nome Irmã Maria de Jesus, que nos contava sobre o período em que viveu em um convento.

Mesmo que não tenha sido revelado, desconfiávamos que se tratava de um convento localizado na Espanha, no início da era cristã, mas não tínhamos confirmação desta intuição.

* * * * *

Em setembro/2025, participamos de uma excursão, organizada pela empresa São João de Turismo, de Jundiaí, pela Espanha, com um roteiro que se iniciava em Barcelona, passava por várias cidades turísticas e se encerrava em Madrid.

No dia 22 de setembro o roteiro indicava que sairíamos de Granada em direção a Sevilha, passando por Ronda e Setenil.

Chegando a Ronda, após atravessar a Nova Ponte, um dos pontos turísticos a serem visitados na cidade, o guia nos mostrou a Igreja de Santa Maria la Mayor.

Naquele momento, sentimos a presença de Irmã Maria de Jesus ao nosso lado nos chamando a atenção para uma construção a uns cem metros da igreja, que era um convento. Disse-nos ela:

**“Este é o convento onde vivi minha existência.
Não é esta a construção da minha época, mas o local**

é este. O rio que corre lá em baixo (rio Guadelevín) é o que falo quando cito a vila de além-rio.”

Nossa emoção foi muito grande que mal conseguimos contar à esposa o ocorrido.



Igreja de Santa Maria la Mayor em Ronda, Espanha.



Atual Convento de la Caridad
(ou Convento de las Hermanas de la Cruz) em Ronda, Espanha.

IV – Um pouco mais sobre Ronda

Ronda é uma cidade espanhola, capital do município com o mesmo nome, inserido na província de Málaga, comunidade autónoma da Andaluzia, de área 481 km² com população de 33.520 habitantes (2024) e densidade populacional de 72,68 hab/km².

A história de Ronda é marcada por sua localização impressionante, dividida por um cânion, e influências de diferentes povos. A cidade foi habitada por celtas, romanos e mouros, com vestígios de todas essas civilizações, como muralhas e banhos árabes. Ronda também é considerada o berço da tourada moderna e atraiu escritores como Hemingway e Orson Welles no século XIX.

Origens e influências antigas

- **Celtas:** Acredita-se que os celtas foram os primeiros a habitar a região, por volta do século VI a.C., chamando-a de Arunda.
- **Mouros:** A ocupação moura deixou marcas profundas na arquitetura da cidade, como a Puerta de Almocabar e os Banhos Árabes, que são joias do período islâmico. O Palácio Mondragón, com seus pátios e jardins mouriscos, também é um legado dessa época.

Desenvolvimentos posteriores

- **Ponte Nova:** A icônica Ponte Nova, que conecta as duas partes da cidade sobre o cânion El Tajo (com 100 metros de altura), levou 42 anos para ser construída, com a versão final sendo concluída em 1793.

- **Touradas:** Ronda é considerada o berço da tourada moderna. A família Romero de Ronda desempenhou um papel crucial no desenvolvimento da prática e a Plaza de Toros, construída em 1785, é uma das mais antigas da Espanha.
- **Século XIX:** A cidade se tornou um refúgio para artistas e escritores famosos, como Ernest Hemingway e Orson Welles, que se inspiraram em sua atmosfera e paisagem.
- **Eventos do século XX:** Ronda foi afetada pela Guerra Civil Espanhola, o que causou emigração. Em 1918, sediou a Assembleia de Ronda, onde a bandeira, o brasão e o hino da Andaluzia foram criados.



Vista aérea de Ronda, Espanha.

V – Mensagem de Amadeus

No dia 30/10/2025 participamos de uma reunião de estudos das Cartas de Paulo, no Grupo Espírita Cristão Irmãos do Caminho, de Jundiaí. Antes do início da reunião, alguns dos participantes comentavam as saudades de receber mensagens do espírito de Amadeus, um Preto Velho que é meu guia espiritual.

Ao término da reunião, no horário designado para as manifestações de espíritos amigos em torno da lição estudada, Amadeus se manifestou, trazendo seu coração emocionado e nos falando um pouco sobre a tarefa que Irmã Maria de Jesus estava fazendo.

Filhinhos do meu coração, que a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo se faça em seus corações hoje e por todo o sempre.

25

Também nós, espíritos desencarnados, somos tocados pelas palavras de saudades que brotam de vocês, e eu não sou exceção.

Mas eu queria justificar que está cedido o espaço de tarefas a um espírito [referindo-se à Irmã Maria de Jesus] a quem devo muita e muita veneração, pelo tanto que ela fez, que ela ajuda e que ela ensina a mim e a muitos e muitos que caminham nesta terra.

Mas vamos aproveitar o tempo para trazer, como de costume, um pequeno acréscimo àquilo que vocês já comentaram, ou talvez apenas falar com outras palavras os mesmos ensinamentos que foram tão bem explicados hoje.

E eu vou tomar, meu amigo [referindo-se ao Sérgio Ricardo de Oliveira] o versículo que você citou. Aquele que fala “Que vós conheceis a Deus, ou melhor, Deus conhece vocês”. Como entender melhor essa pequenina passagem do Evangelho?

Para isso devemos recordar outra passagem, aquela em que Jesus envia os seus discípulos de dois a dois para pregar o Evangelho. E eles retornam alegres, contando o que tinham feito, que tinham expulsado demônios, que tinham obtido curas. E Jesus em silêncio os observava. E quando chamado à palavra, Ele lhes disse: “Não vos alegreis pelos feitos que tivestes, mas vos alegreis pois o vosso nome está escrito nos Céus.”

O que significa isso para nós hoje? “O nome escrito nos Céus, ou Deus vos conhece”?. Significa, em linguagem atual do Espiritismo, que os Espíritos Superiores conhecem a cada um de nós e irão nos convidar para pequeninas tarefas. E aqui estou eu roubando novamente palavras que nossa irmã trouxe na noite de hoje [referindo-se à mensagem da Irmã Maria de Jesus: “O valor das pequeninas tarefas”].

Nós somos convidados a pequeninas tarefas em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, e quando as aceitamos e as realizamos, como foi dito, a alegria vem aos nossos corações. Quando as rejeitamos e não as realizamos, como Paulo se entristeceu, estaremos nos afastando daquilo que nos foi destinado.

Por isso vos peço, queridos filhinhos, observem com atenção as pequeninas tarefas que chegam até vocês, como um convite para serem realizadas, e coloquem mãos à obra. Esse é o início do caminho.

Nada chegará até vocês que não possa ser feito, porque há um cuidado muito grande na espiritualidade, e é uma recomendação de Jesus para isso, que nada será dado além do peso que possamos carregar. Então os convites virão, de acordo com a nossa capacidade de tarefa, caberá a nós colocarmos mãos às obras e as realizarmos.

Eu lhes agradeço, queridos filhinhos, as palavras de carinho para conosco. E agradeço ainda mais estarem recebendo esse espírito a quem eu devo muito.

01 - Alegria e tristeza se misturavam em minhas recordações

Quando me aproximava do convento onde iria viver o restante de minha vida, meus pensamentos e meus sentimentos eram confusos e conflitantes.

Recordava a infância na casa de meus pais, das alegrias das peraltices infantis. Lembrava dos momentos felizes junto a meus irmãos. Mas também lembrava de ouvir, escondida, os planos de me levarem a um convento, simplesmente por questões de divisão de herança.

Alegria e tristeza se misturavam em minhas recordações.

28

E, olhando para a frente, com o futuro já decidido pelos meus familiares, o sofrimento por nunca mais poder sonhar com um lar, marido e filhos, tomava conta do meu coração. Mas também vinha até ele a esperança de uma nova existência que me era desconhecida e essa esperança me dizia que poderia me trazer muita felicidade.

Tristeza e esperança se faziam presentes quando pensava no futuro.

E assim cheguei até os portões do convento para iniciar minha nova existência.

02 - A tristeza e a alegria permaneceram em meu coração

A tristeza e a alegria permaneceram em meu coração e nos meus pensamentos nos primeiros dias após eu transpor os portões do convento.

A simplicidade do lugar, inclusive do catre que me ofereceram, contrastava com a limpeza perfeita de tudo. Limpeza que era fruto do trabalho incansável das irmãs que ali estavam e de cujos trabalhos logo eu estava participando.

A frugalidade das refeições, sempre iniciadas e concluídas com uma oração, fazia parte do meu dia a dia. As tarefas diárias deixavam muito pouco tempo para qualquer outra coisa que desejássemos fazer, pois o dia era inteiramente preenchido nas tarefas e nas orações.

29

Mas havia a alegria.

O convento tinha, dentro de seus muros, uma extensa faixa de terra onde se cultivava um pomar e onde tínhamos alguns animais que nos ofereciam o leite para nossas necessidades.

Os momentos de trabalhar no pomar eram os momentos de maior liberdade que tínhamos. Ainda mais que, por um portão lateral, tínhamos o contato com pessoas dos vilarejos das cercanias, que vinham até nós em busca do excesso de nossa produção de frutos e de leite, que distribuíamos todos os dias.

Foram estes momentos que me trouxeram muita alegria ao coração pelos fatos que ali presenciei e vivenciei.

03 - Enquanto orávamos

Poucos dias se passaram depois da minha chegada e fui chamada para conversar com a Madre e algumas irmãs mais velhas do lugar.

Pediram-me para escolher um novo nome para ser chamada lá dentro, pois todas que ali estavam iniciavam uma nova existência.

Pensei muito pouco e, lembrando da mãe de Jesus, escolhi o nome de Maria. Foi esse um dos raríssimos momentos em que vi a Madre sorrir. E respondeu ela:

– Minha filha, a maioria das irmãs que aqui se encontram me falaram a mesma coisa. Eu preciso respeitar seu pensamento, apenas preciso lhe pedir que escolha um nome para adicionar ao de Maria, para podermos identificar. Algumas escolheram o nome de família e outras o de suas cidades de origem. Você também precisa adicionar um nome ao seu.

Não desejando guardar recordações do passado, que me traziam ainda tristeza ao coração, lembrei-me do Mestre e escolhi o nome de Maria de Jesus.

E foi justamente uma outra das Marias que ali conviviam, a D'Abrosio, que me trouxe um ensinamento interessante. Estando ela doente, um tempo depois, as orações eram endereçadas à sua cura.

E, em uma das orações do Ângelus, ao pôr do sol, ela foi colocada no centro das orações e endereçamos nossos pensamentos a ela. Foi quando vi um anjo descer com uma manta que parecia feita de nuvens e envolver o corpo dela inteiramente enquanto orávamos.

Terminada a oração, tentei contar o que vi a outras irmãs e à Madre, mas pareceu-me que ninguém me dava crédito. Mas, na verdade, a Maria D'Abrosio começou a melhorar depois disso e curou-se completamente.

Todas acreditavam que foi o poder da oração que a curou, mas eu sabia que havia mais coisas além da oração que fizéramos.

04 - O mistério da água

A primeira vez que fui chamada à tarefa de abrir o portão lateral para distribuir as sobras diárias de nossa produção, descobri que a tarefa se iniciava bem antes do abrir do portão.

Precisávamos reunir em cestos os frutos e hortaliças, colocar em chávenas o leite que não iríamos utilizar e encher cântaros de água, pois sabíamos que aqueles que chegavam, vinham sedentos e famintos.

Quando fomos abrir o portão, pois precisava de ao menos duas de nós para movimentar aquele peso todo, me surpreendi ao ver famílias inteiras nos aguardando do lado de fora.

32 Homens que nos olhavam com olhos de amargura íntima. Mães que nos olhavam com olhos súplices, pedindo socorro para seus filhos. E crianças que nos mostravam, com seus corpinhos, que a fome e a necessidade de agasalho ali faziam morada.

E lá íamos nós, portão afora, pois não era permitido a eles adentrarem ao convento, e tentávamos distribuir o que tínhamos, buscando atender a todos, sem deixar ninguém ao desamparo.

Dividir o que tínhamos entre eles era uma tarefa difícil, pois a necessidade era muito grande. A única coisa que havia de sobra era a água, pois podíamos encher os cântaros ali perto e repor se acabasse.

A minha grande surpresa neste primeiro dia foi quando fui repor a água que havia acabado. Quando enchia um cântaro, vi que a água parecia se transformar. De pura que era na nascente, começava a borbulhar, como se estivesse fervendo ou tivesse algo especial que eu não conseguia ver.

Levando a água e pensando nisso, vi que aqueles que a bebiam se sentiam renovados quase de imediato.

Que efeito essa água tinha? Como podia se modificar assim aos meus olhos? Não conseguia compreender o ocorrido, mas meu coração me dizia que algo sublime estava ocorrendo bem à minha frente.

05 - O sonho

À noite, quando me recolhia ao catre para o sono de poucas horas, o cansaço era tão grande que estas horas pareciam apenas um minuto. Mal me deitava e fechava os olhos e já era momento de despertar. Não me lembro de nenhum sonho até aquela noite.

Sonhei que flutuava sobre as camas e saía pelo teto do convento. Vi as construções de cima, o pomar, os muros que circundavam o convento e saí.

Era a primeira vez que deixava o convento de vez, pois quando distribuía os mantimentos, eu saía apenas alguns poucos metros ao encontro daqueles que nos buscavam.

34 Vi um vale lindo e um rio caudaloso em baixo. Depois do rio, vi algumas casas de uma vila pequenina. Uma delas me chamou a atenção.

Como que de repente, me vi dentro da casa onde um homem e uma criança adormeciam. E uma outra pequenininha chorava nos braços da mãe que, acordada, passava um pano molhado em sua testa, provavelmente para fazer baixar a febre que a acometia.

Não sabia o porquê de estar ali, mas, assustada, me vi de volta ao meu catre, acordada, recordando com detalhes todo o sonho.

À tarde deste mesmo dia, ao abrir o portão lateral para a distribuição, a primeira família que vi foi aquela. Meu coração ficou aos pulos. Aproximei-me, perguntei seus nomes e soube que a pequenina filha da Luzia ainda não tinha nome, pois o padre ainda não tinha estado na vila depois que ela nasceu, para o batizado.

Perguntei como estava a pequenina e confirmei a febre que tinha chegado e não se afastava há alguns dias. Pedi para pegar a criança no colo e a mãe a ofereceu a mim.

Quando a tive em meus braços, vi um anjo se aproximar. Na verdade, uma mulher vestida de anjo. Ela chegou e beijou a testa da criança com muito carinho. Depois olhou para mim e compreendi, sem palavras, que não deveria contar da sua presença ali a ninguém.

Quando devolvi a criança para a mãe, ela me olhou com os olhos esbugalhados, pois percebeu, antes mesmo de mim, que a febre tinha ido embora.

Terminada a tarefa e me recolhendo ao catre novamente, pensei no que tinha ocorrido e agradei a Deus por ter visto aquele anjo em forma de mulher cuidar daquela criança.

.

06 - Enxergando mais além

Houve um dia em que a colheita de mangas foi realmente muito abundante. Depois de separarmos o que iríamos utilizar no convento, ainda sobrou tanto que precisou de duas de nós para carregar o cesto para a distribuição da tarde. Eu e Maria das Graças nos propusemos a esta tarefa.

Uma das primeiras famílias que encontramos era já conhecida nossa: Júlia, seu marido e seus dois filhos. Só que desta vez estava junto com eles um casal de velhinhos que logo percebemos serem os pais da Júlia, pois a avó, a filha e a neta tinham feições muito parecidas, apesar da diferença de idade.

36 Entregamos as mangas a cada um deles e recebi, dos velhinhos, um sorriso muito agradável junto com um “Muito obrigada!” da senhora.

Pensei comigo nesta hora: “Se sobrarem mangas ao final da distribuição, voltarei aqui para lhes dar mais algumas.”

E lá fomos nós, prosseguindo na tarefa de distribuição. Recebendo outros sorrisos e outros agradecimentos que muito nos fortaleciam e alegravam nossos dias.

E, ao final da distribuição, como esperávamos, ainda havia algumas mangas no fundo da cesta.

Como agora o peso tinha diminuído e dava para carregar sozinha, pedi à Maria das Graças para deixar comigo e retornei ao início da fila, ao encontro da Júlia e sua família.

Encontrei-os, mas os pais dela já não estavam mais lá. Deduzi que tinham ido embora antes da filha. Perguntei:

– Júlia, e seus pais? Onde estão?

Percebi um olhar de tristeza quando me respondeu:

– Já não podem mais vir conosco.

Estranhei a resposta, fiquei meio sem reação, mas consegui ainda perguntar:

– Uai, por quê? O que ocorreu com eles?

– Há pouco mais de um mês minha mãe adoeceu e faleceu. E, menos de uma semana depois, meu pai também. Foram juntos para uma outra existência e nos deixaram.

Calei minha surpresa, entreguei as mangas restantes para ela e seu marido.

Mas não podia deixar de recordar que, poucos minutos antes, eu havia entregado as mangas nas mãos daquele casal de velhinhos e recebido deles um sorriso e um agradecimento.

07 - Diálogo no “Canto das Rosas”

No final do pomar, lá onde os muros do convento se encontravam, formava-se um canto bem protegido dos ventos que nos assolavam diariamente.

Nesse canto decidimos plantar flores. Flores de todos os matizes e de todas as cores. Mas o que prevaleceu mesmo foi o plantio das rosas. Por isso aquele canto ficou conhecido como o “Canto das Rosas.”

Foi ali que vi, pela segunda vez, o anjo em forma de mulher. Estava eu sozinha, com as mãos sujas de terra e adubo, mexendo com as rosas e a vi encostada no muro.

38

Vendo meu olhar assustado, fez-me um gesto para pedir silêncio e começou a falar. E eu ouvia, mas não como ouvia as pessoas, as suas palavras surgiam dentro da minha cabeça.

– Minha filha, não comentes com ninguém sobre as coisas que tens visto e ouvido, elas não te entenderão. Mesmo que detalhes e expliques os acontecimentos, as pessoas não compreenderão e, pior, interpretarão de forma errada e poderão trazer-te muitos problemas. Dia virá, isso eu te prometo, que poderás contar tudo o que vês sem medo, sem receio nenhum, pois o será para aqueles que já conseguirão compreender o que aqui se passa. Enquanto esse dia não chegar, peço-te que guardes estes acontecimentos em teu coração como se fossem presentes de Deus, endereçados a ti. Guarda-os com carinho, pois, quando os dias difíceis chegarem à tua existência, a recordação destes momentos será como um bálsamo a aliviar as tuas dores.

Vendo meu olhar ainda espantado e interrogador, prosseguiu:

– Tu podes me fazer as perguntas que estão na tua mente. Tentarei responder dentro da minha capacidade.

Sem pronunciar as palavras, apenas pensei no que queria perguntar:

– Quando será este tempo em que poderei falar livremente sobre o que vejo?

– O futuro a Deus pertence. Se te dissesse que é amanhã, teu coração se felicitaria, mas apenas Deus conhece o futuro dos tempos e quanto tempo demorará para que a humanidade consiga ter a compreensão destes acontecimentos.

Meu pensamento fervilhava e continuei a indagar:

– Mas, gostaria de saber se o que vejo é algo real ou é fruto da minha imaginação?

Neste momento, vi o Anjo-mulher sorrir e me respondeu:

– Apesar de tua imaginação ser muito fértil, isso é uma realidade que as pessoas, e tu incluída nelas, ainda não estão em condições de compreender.

Pareceu-me que ela ia embora e me apressei a fazer outra pergunta:

– Por favor, me diga, você é uma mulher ou um anjo?

O sorriso foi ainda maior neste momento e ela respondeu:

– Se te disser que no passado de minha vida fui mulher e que no futuro da minha vida almejo ser um anjo, estaria te dizendo que não sou nem um nem outro. No entanto, para a tua compreensão atual, posso ser tanto um como outro. Vê-me como o teu coração deseja ver: como anjo ou como mulher, pois o carinho que tenho por ti foi, é e será o mesmo, ontem, hoje e sempre.

E em seguida desapareceu das minhas vistas, deixando-me a pensar em tudo o que me dissera.

o8 - A história do Diogo

O primeiro dia em que vi o Diogo na fila de distribuição, ele estava bêbado de dar dó. Mal se mantinha em pé, sustentado por uma senhora pequenina que parecia ser a mãe dele, com seu vestido azul.

Ele não conseguia falar duas palavras seguidas, mas ela nos pediu:

– Por favor, dê-nos de sua água. Ela é milagrosa e fará bem a ele.

Como a nascente era bem perto do portão, não foi difícil de atendê-la. Enchemos um cântaro e entregamos a ela.

40

Na outra vez que o vimos, alguns dias depois, ele já estava um pouco melhor. Até conversava conosco um pouco, mas ainda foi sua mãe que nos pediu novamente para não esquecermos da água milagrosa. Apesar de sabermos que não havia milagres ali, buscamos a água para atendê-la novamente.

Passaram-se alguns dias e já esperávamos vê-lo novamente, mas ele não voltou. Decepcionada por termos esperado por ele, me dirigi ao meu “Canto das Rosas” e fiz uma oração.

Passados poucos minutos, o Anjo-mulher se apresentou a mim e disse:

– Tem alguém que gostaria de te falar.

E vi chegar a mãezinha do Diogo, em seu vestido azul, que sorriu e me disse:

– Muito obrigada pelo carinho da atenção ao meu filho. A água que levamos desta casa fez seu milagre, pois agora ele já não bebe mais. Passou a cultivar alimentos com as sementes que levava da

distribuição e um dia vocês o receberão no portão, não para buscar doações, mas para ajudar a distribuir o alimento que ele tem plantado. Obrigada.

Na minha emoção, esqueci de perguntar quem era ela e como estava ali junto com o Anjo-mulher.

09 - Os “protegidos” de Maria Dolores

Com o passar dos dias, acabamos criando afinidades com aqueles que vinham buscar os mantimentos nas tardes de distribuição. Cada uma de nós tinha seus “protegidos”, a quem dávamos uma fruta a mais ou trocávamos uma palavra a mais. Eu tinha as minhas, Maria das Graças tinha as dela, Maria Dolores tinha as dela e assim por diante.

Um dia, antes do horário do almoço, quando preparávamos a colheita para a tarde, Maria Dolores veio conversar comigo:

– Maria de Jesus, o que podemos fazer pela Zélia e seus familiares? Tenho tentado falar com eles, mas sempre estão com grandes problemas. Resolvem um e surge outro. Parece inacabável.

42

Conversamos um pouco mais e nos propusemos a fazer uma oração por eles.

De repente, eu me vi flutuando e indo em direção à casa deles. Entrei e vi coisas que não entendi.

Ela morava com o marido e seus três filhos, mas na casa havia muito mais gente, rindo zombeteiramente nas conversações, contando piadas e zombando uns dos outros.

Tentei entender o que acontecia quando vi a pequenina filha em seu leito começar a chorar convulsivamente. A mãe logo se abeirou dela e começou uma oração cantada para a filha se acalmar. E, de repente, todos foram embora rapidamente, ficando só a família que eu conhecia.

Estava tentando compreender tudo isso quando o Anjo-mulher se aproximou e me explicou:

– Eles cultivam o hábito de falar mal das pessoas, inclusive dos mortos, e isto tem lhes trazido muitos problemas, pois o mal

atrai o mal. Quando tu retornares, tente lhes dizer para pararem com isto.

E me vi despertando, com várias irmãs ao meu lado orando e tentando me reanimar, pois eu tinha desmaiado. Falaram que era por causa do sol enquanto trabalhávamos, mas eu sabia que o desmaio tinha outro motivo e procurei conversar com Maria Dolores para encontrarmos um meio de transmitir o recado aos seus protegidos.

10 - O padre João e o nascimento de Jesus

De tempos em tempos, o padre João, um velhinho muito simpático, vinha até a vila que ficava além-rio para rezar a missa, batizar e registrar o nome das crianças recém-nascidas e outras tarefas.

Depois de cumprir suas funções, ele geralmente visitava nosso convento para fazer a refeição. E ali, às vezes rezava outra missa ou então apenas fazia um sermão para todas nós.

Naquele dia, ele veio, almoçou e nos reuniu para uma prece e falar um pouco conosco. E, apesar de não ser época de final de ano, começou a falar do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

44 Descreveu as dificuldades de José e Maria, falou do nascimento da criança na manjedoura, da visita dos magos e falou, falou... E falava com muito amor, com muita veneração por tudo o que decorria.

Eu estava bem ao fundo da sala e pude ver algo que me chamou a atenção: uma luz azul brilhante vinha dos céus e invadia a mente e o coração do padre João. E depois se espalhava, um pouco menos luminosa e um pouco mais fraca, mas se dirigia a cada uma de nós que o escutávamos.

Para algumas chegava da mesma forma que saía do coração do padre e para outras ia diminuindo, diminuindo, até chegar quase nada, ou nada para algumas de nós.

Curiosa e mal-acostumada que eu já ficara, perguntei mentalmente o que estava vendo e esperava ver o Anjo-mulher aparecer e me explicar. Ele não veio, mas uma voz eu ouvi dentro da minha cabeça, como se alguém estivesse falando bem perto dos meus ouvidos.

– O que vês é a bênção dos céus chegando até vós. O padre, lembrando Jesus, invoca as bênçãos do Mestre para todas que o ouvem. Mas algumas estão, de alguma forma, tentando lembrar o que conhecem sobre o menino Jesus, tentando visualizar Jesus pequenino: estas estão recebendo toda a bênção que lhes cabe. Mas outras estão distraídas, umas criticando o tema falado fora de época, outras pensando em outras coisas, sem dar a atenção devida ao que estão ouvindo: estas não conseguem receber as bênçãos que o Alto está lhes mandando. Compreendes isso, minha filha?

11 - O dia da confusão assustadora

No dia da confusão assustadora, logo após terminarmos nossa refeição, ouvimos uma gritaria vinda do lado de fora de nossos muros. Um vozerio de homens e mulheres gritando e vociferando.

Sem que conseguíssemos compreender o que ocorria, fomos a uma janela que nos dava a visão do exterior e vimos as pessoas exaltadas. Não havia agressão física, mas gritaria e gestos dirigidos de uns aos outros. Isso nos deixou perplexas e confusas.

A Madre Superiora nos reuniu no refeitório e nos perguntou:

– E agora, devemos abrir o portão e distribuir os mantimentos? Ou mantemos o portão fechado? O que me dizem?

Uma das freiras ponderou:

– Se abrirmos o portão, provavelmente eles irão brigar pelos mantimentos e teremos uma confusão ainda maior.

Outra, no entanto, nos falou:

– Mas, se não abrirmos o portão, toda essa agressividade se voltará contra nós e não podemos avaliar as consequências disso.

Não sei o porquê ou como, mas as irmãs, e também a Madre Superiora, olharam para mim, como a esperar que eu tivesse a solução do problema.

Pensei um pouco e falei:

– Creio que devemos abrir e distribuir o mantimento para evitar que se voltem contra nós.

E, sem ter pensado no assunto, acrescentei:

– Vamos pegar umas toalhas secas e uns panos e vamos abrir os portões.

Todas olharam para mim como se eu tivesse dito algo de extremo absurdo. E realmente o que eu disse parecia um extremo absurdo. Para que as toalhas secas e os panos? O que tinha a ver com a confusão?

Eu mesma duvidei do que eu tinha falado, pois não pensara nisso nem uma só vez. Mas a decisão de abrir o portão e distribuir os mantimentos foi aceita.

Eu mesma fiquei em dúvida de pegar toalhas e panos, mas fui ao armário e peguei alguns. Maria das Graças e Maria do Rosário me seguiram e também o fizeram. As demais nos olhavam com um riso escondido no rosto por não entenderem o que estávamos fazendo.

Levamos ainda uma meia hora para preparar os mantimentos. E a confusão e a gritaria permaneciam do lado de fora.

Quando nos dirigimos ao portão para abri-lo, ela veio. Uma chuva torrencial que molhou a todos e arrefeceu os ânimos. A confusão se acalmou como por milagre, pois a preocupação passou a ser se proteger do aguaceiro que os céus estavam mandando.

Distribuímos os mantimentos em paz e as toalhas e panos serviram para enxugar as pessoas, principalmente as crianças e os mais velhos.

E eu fiquei sem compreender como eu mesma havia falado de toalhas e panos secos se não sabia e nem imaginava que aquela chuvarada ia cair.

12 - A irmã Soledad

A irmã Soledad escolheu este nome pelo sentimento de solidão que teve quando foi trazida ao convento, aos treze anos de idade, por seus irmãos, também por uma questão de divisão de herança.

Nós nos aproximamos e criamos uma afinidade que se consolidou em uma amizade sincera, pois ambas tínhamos muito em comum.

Conversávamos bastante, aproveitando o tempo de descanso entre o final da distribuição e a chamada para a prece do Ângelus da tarde.

48

Falávamos dos sonhos juvenis que não pudemos realizar. Falávamos das coisas boas e ruins que nos aconteciam no nosso dia a dia.

A única grande diferença entre nós é que ela já estava no convento há quase cinquenta anos, enquanto eu mal acabara de chegar.

Naquele inverno, ela foi acometida de uma tosse que chegava à tardinha e ficava a noite toda, dificultando muito para que ela conciliasse um sono reparador.

A Madre Superiora pediu que endereçássemos um recado aos aldeões vizinhos, para que eles encaminhassem o médico, quando ele os visitasse, ao nosso convento, para poder atendê-la.

Ele veio e o diagnóstico não foi bom. Ela teria que ser levada a uma cidade maior, com mais recursos médicos para o seu tratamento. E isso era muito dificultoso pela viagem demorada, que poderia trazer ainda mais prejuízo à sua saúde.

Ela ficou conosco, com um tratamento não muito eficiente. E, com o rigor maior do inverno, sua tosse aumentou e sua saúde ficou ainda mais debilitada.

Como era hábito, sempre que uma de nós adoecia, fazíamos a prece do Ângelus da tarde reunidas em seu leito, para que a prece ajudasse na cura.

E, naquela tarde memorável, eu vi o Anjo-mulher se aproximar, abraçar nossa irmã Soledad e sair com ela, volitando pelo espaço.

Muitas perguntas surgiram na minha cabeça:

– Como isso é possível?

– Estou vendo Soledad volitando e estou vendo Soledad deitada em seu catre?

– Para onde o Anjo-mulher a está levando?

– Estava eu ficando louca ou esta visão era verdadeira?

Minha mente parecia que ia estourar de tantas perguntas, quando Soledad, antes de desaparecer de vez da minha vista, olhou para mim, sorriu e falou:

– Um dia, se Deus quiser, retornarei, contarei para onde estou indo e responderei às suas perguntas, querida amiga.

13 - Ouvindo a conversação

Naquela manhã, fui chamada para conversar com a Madre Superiora. Irmã Dolores me chamou e me levou até a sala, que estava com a porta fechada. Orientou-me a esperar ser chamada, pois a Madre estava conversando com alguém lá dentro.

Fiquei plantada na frente da porta a me indagar o que tinha feito de errado, porque era a primeira vez que isso me acontecia. Pensava eu que coisa boa não haveria de ser.

Onde eu estava não pude deixar de ouvir a conversação que se fazia em seu interior, mesmo porque as vozes eram exaltadas. Até mesmo a Madre, que normalmente não perdia a calma, falava alto:

– Mas eu não tenho conhecimento disso. Você viu ou ouviu dizer?

Uma voz feminina respondeu:

– Eu não vi. Mas me contaram que ela tomou a criança da Luzia em seus braços com febre e a devolveu curada.

– Isso pode ser uma invenção – disse a Madre – ou um exagero. Se tivesse acontecido de verdade, alguém teria me contado.

– Mas, Madre – disse a mulher – minha filhinha está choramingando sem parar há vários dias. Já não se alimenta. Meu leite está escasseando e tenho dificuldades, pois ela não está mamando. Meu coração está muito pequenino. Tenho medo por ela e por mim. Deixe-me tentar, pelo amor de Deus.

Apurando melhor meus ouvidos, realmente eu ouvia um choro de criança, bem baixinho.

– Mas ela não é milagreira. Eu não acredito que vá adiantar nada. Eu a mandei chamar e ela deve estar aí à porta. Vamos ver o que ela nos diz.

E comecei a ouvir passos em direção à porta. Meus pensamentos voavam longe. Se eu entrasse na sala e nem sequer tomasse a criança em meus braços, talvez a mãe se revoltasse ainda mais. Se eu a tomasse nos braços e nada acontecesse e a doença persistisse, a fé daquela mulher desapareceria como por encanto. E se eu a tomasse em meus braços e o Anjo-mulher a curasse, talvez trouxesse ainda mais problemas para todos no convento. O que fazer, Senhor?

Quando a porta se abriu e eu entrei na sala, a Madre falou meio abruptamente

– Irmã Maria de Jesus, ela acredita que você é uma milagreira e pode curar a filha, coisa que nem o médico conseguiu. O que você tem a nos dizer sobre isso?

Meus pensamentos ainda voavam longe, em meio a tantas dúvidas de o que fazer, quando comecei a falar coisas que não tinha pensado. Parecia até que outra pessoa estava a falar por mim.

– Minha amiga, lembra-se daquela mulher com fluxo de sangue que acreditava que, tocando as vestes de Jesus, estaria curada? Ela assim o fez e seu fluxo parou na hora, tanto que Jesus, mesmo estando cercado por uma multidão, parou seus passos e perguntou quem o havia tocado, e quando ela se apresentou, ele lhe disse “Minha filha, a tua fé te curou, segue o teu caminho em paz”.

Suspirei fundo para retomar o fôlego e prossegui.

– A fé de uma mãe no Divino Salvador move o mundo e pode trazer a cura para quem ela pede. Aliás, se observarem, esta cura já chegou.

As duas olharam para mim espantadas. Com a discussão em andamento, tinham esquecido de olhar a criança, que já não choramingava e, sorrindo, estendia as mãozinhas em um gesto que a mamãe conhecia muito bem, pois era quando ela pedia o alimento que só sua mamãe podia lhe dar.

14 - A tarefa com as crianças

Não sei se foi por consequência da cura da criança, pois a notícia se espalhou pela vila e pela vizinhança, ou se foi por algum outro motivo, mas aconteceu de aumentar, dia a dia, o número de crianças que vinham para a distribuição de alimentos.

Alguns pais que antes deixavam seus filhos em casa agora estavam trazendo-as. Outras crianças maiorzinhas vinham sozinhas.

Quando abríamos o portão, as famílias se reuniam à nossa esquerda, aguardando-nos, pois ali havia árvores frondosas que davam sombra. Os grupos ficavam geralmente sob a copada das árvores e lá íamos nós distribuindo. À nossa direita, geralmente não havia ninguém.

52 Mas, naquele dia, ouvimos um canto vindo da nossa direita assim que abrimos o portão. E vimos uma bela jovem com um grupo de crianças a cantar. Ouvimos a canção e era uma que cantávamos na hora do Ângelus. Falava da anunciação do anjo para Nossa Senhora sobre o nascimento de Jesus.

Ficamos encantadas com o que ouvimos. Maria das Graças tomou a frente para ir em direção a eles e eu a segui, alguns passos atrás.

Chegando perto, a música parou e a jovem nos falou:

– Desculpem-me. Tomei a iniciativa de agrupá-los e ensinar uma canção que conhecia, mas não quero de forma alguma interferir nas tarefas de vocês.

Maria das Graças falou prontamente:

– Não precisa se desculpar, minha amiga. Nós nos encantamos com a música e viemos ouvi-los mais de perto. Não precisa se desculpar, não.

– Tomei a iniciativa da música – disse-nos a jovem – mas eles necessitam também de outras coisas, como aprender o dom da leitura e da escrita, que muito os ajudaria na vida futura.

Maria das Graças olhou para mim e, sem palavras, me fez recordar que já fazíamos esta tarefa dentro do convento, pois nem todas as irmãs tinham o dom da escrita e da leitura, e algumas de nós tínhamos. Já estávamos nos propondo a ensinar aquelas que desejavam. Maria das Graças tomou a frente e prometeu que o faríamos.

E iniciamos ali mesmo, naquele dia, a nova tarefa na distribuição. Reuníamos as crianças mais velhas e sempre uma de nós ficava com elas. Cantando, ensinando a leitura e ensinando a escrita. E esta tarefa passou a fazer parte do nosso dia a dia.

O interessante é que nunca tínhamos visto aquela jovem antes. E, após aquele dia, em todos os outros dias, apesar de a esperarmos, também não a vimos mais. Somente naquele dia nós a vimos.

E, em algumas ocasiões, Maria das Graças me perguntava quem era aquela jovem. E eu não tinha resposta para ela. Eu também não saberia dizer se era um anjo que nos ajudara ou se era somente alguma aldeã que viera nos dizer que tínhamos mais a fazer na hora da distribuição.

15 - A família do Mateus e Maria Helena

Depois daquele dia, um dos casais que resolveu trazer seus filhos na distribuição foi o Mateus e a Maria Helena. Coincidentemente, no dia em que vieram com os filhos pela primeira vez, era meu dia na escala de cuidar das crianças.

Conversando com eles antes das tarefas, descobri que gostavam muito de seus nomes, pois a filha mais velha se chamava Helena e o mais velho dos gêmeos, o que nasceu primeiro, se chamava Mateuzinho. E o outro gêmeo se chamava Marcos.

A Helena já tinha idade para participar das aulas de música, de leitura e de escrita. Mas os gêmeos ficavam a brincar ali por perto, sob os olhares da irmã mais velha.

54 Nesse dia vi que eles brincavam com uma menininha menor que eles. E ela se divertia muito, rindo de cada brincadeira que eles faziam. E os irmãos como que disputavam entre si para fazê-la rir e se divertir ainda mais.

Chegando perto da hora de devolvê-los aos pais, perguntei a eles quem era a nova amiguinha.

– Não sabemos, mas passamos a chamá-la de Heleninha, pois ela se parece com nossa irmã. – disse-me o Mateuzinho.

E o Marcos complementou:

– Espero que a mamãe e o papai fiquem com ela em nossa casa.

Não entendi por que o Marcos falou aquilo, pois com certeza ela tinha também papai e mamãe em algum lugar.

Durante algumas distribuições, vinham todos, mas eu não tive mais contato direto com eles, pois só às vezes ficava com as crian-

ças, nos outros dias participava da distribuição dos mantimentos para as famílias.

Até o dia em que veio somente o pai buscar mantimento. Perguntei por que estava sozinho e ele me falou que a esposa engravidara de novo e era preferível que ela ficasse em casa para evitar caminhadas longas.

Esqueci-me deles por um período até que retornaram todos, com a bebezinho de colo em um dia que tinha de cuidar das crianças novamente.

Os gêmeos ficaram brincando sozinhos, sempre sob os olhares atentos da irmã mais velha, que se esforçava por ouvir as lições e cuidar deles.

Novamente perto da hora de devolver as crianças aos pais, perguntei aos gêmeos:

– E a Heleninha? Lembram-se dela? Ela não veio brincar com vocês hoje?

O Mateuzinho me olhou de forma estranha, como se não tivesse entendido a pergunta e respondeu:

– Mas você não viu?

Eu me perguntei na hora:

– Viu o quê? – O que será que ele queria que eu visse?

E o Marcos, que também me olhava espantado, complementou:

– A mamãe e o papai ficaram com ela em casa. Está lá nos braços da mamãe agora.

Olhei para o casal que se aproximava com a bebê em seus braços e me perguntei:

– Então esse bebê é aquela menininha que brincava com eles? Como pode ser isso?

16 - Maria das Graças

Quando conheci Maria das Graças, nos primeiros tempos do convento, a fama dela é que ela era meio atrapalhadinha, porque às vezes ela ficava olhando o vazio por um tempo, como se estivesse em outro mundo, e não respondia quando falavam com ela.

Desde o começo tive muita simpatia por ela e às vezes conversávamos sobre o plantio das frutas e do cantinho das rosas, de que ela também gostava muito.

Mas foi quando ela me apoiou no dia da confusão, pegando os panos secos junto comigo sem sabermos que a chuva viria, que nossa amizade se solidificou ainda mais.

56

Apesar de o Anjo-mulher ter pedido que eu não contasse a ninguém sobre sua presença, para a Maria das Graças eu contei. contei das ajudas que recebia. contei das orientações que recebia, às vezes sem saber nem do que se tratava. Enfim, ela se tornou minha confidente no convento.

Apesar disso, eu percebia que ela desejava me contar algo de sua vida, mas nunca tinha coragem. Chegou mesmo a me dizer que um dia ia me falar de seus sonhos, mas esse dia nunca chegava.

Foi só depois de ela iniciar as tarefas com as crianças que este dia finalmente chegou e ela falou longamente de si mesma.

Começou me contando seu grande desejo de ser mãe. Tanto que ela sonhava várias vezes com sua família com dois filhos: um moço mais velho e uma juvenzinha. Quando acordava, ela nunca se recordava do marido, mas dos filhos ela recordava as feições, as palavras e os sorrisos.

Quando acordava destes sonhos, ficava a recordar das conversas com os filhos sobre Jesus, sobre as responsabilidades da vida, sobre o trabalho honesto. E, quando ficava recordando destes sonhos seu olhar se perdia no infinito e não ouvia quando as pessoas falavam com ela. Era por isso que tinha a fama de atrapalhadinha.

No dia em que ouvimos a jovem cantando com as crianças, ao abrir o portão, ela reconheceu na jovem a filha que povoava seus sonhos. Foi por isso que tomou a dianteira e se dirigiu às crianças para conversar. E, ao receber a orientação de iniciar uma nova tarefa, assumiu-a de imediato. Ela tinha esperança de rever aquela juvenzinha e voltar a conversar com ela, mas isso nunca ocorreu.

Mas a nova tarefa encheu seu coração de alegria, da mesma alegria que tinha quando sonhava com seus filhos.

Depois disso, várias vezes ela me perguntou quem era aquela juvenzinha e eu nunca tive resposta para ela. Mas com certeza foi alguém que a ajudou a encontrar a alegria de viver na tarefa de amparar os pequeninos.

17 - Os irmãos e a divisão de terras

Havia, em um dos muros laterais do convento, uma sala mais ou menos isolada, que permitia que os visitantes que a ela adentrassem não entrassem no interior do convento.

Era ali que a Madre Superiora recebia, por exemplo, os padres que vinham tratar dos aspectos administrativos do convento. E era ali também que ela, por vezes, recebia alguém da comunidade próxima que lhe vinha pedir um conselho, pois ela era respeitada por todos.

Naquele dia ela recebeu ali dois irmãos com um problema de divisão de terras, pois os pais haviam falecido e eles, agora com suas famílias formadas, queriam dividir as terras entre eles. Mas não se entendiam no como fazer isso.

Levaram o problema para o líder da aldeia que tentou e tentou resolver em paz o assunto e não conseguiu. Foi ele que pediu para levarem a questão para a Madre Superiora e ouvir sua opinião.

Mas ali também nada conseguiram. Quando um dos irmãos começava a falar, o outro o interrompia e falava mais alto que ele. E assim, de discussão em discussão, nada estava sendo resolvido.

Foi aí que a Madre Superiora teve a ideia de me chamar, pois eu tinha adquirido uma fama de “bruxa que resolvia problemas”.

Quando me contaram o que estava acontecendo, pude ver uma cena da qual não entendi o porquê: uma fonte de água que beneficiava muita gente, feliz de poder pegar a água pura e levar para suas casas.

Mas a discussão entre os dois irmãos era inacabável. Foi quando eu perguntei:

- É por causa da nascente que vocês discutem tanto?

Os dois se calaram imediatamente e me olharam, porque até ali nenhum dos dois tinha falado da nascente. Cada um queria para si a nascente em suas terras e assim poder, no futuro, cobrar do outro o fornecimento da água.

Continuei:

- Se é por causa da nascente, a solução é simples. Vocês doam o pedaço de terra onde a nascente se encontra para a aldeia e todos se beneficiarão com ela, inclusive vocês dois, pois ambos, como todos os aldeões, poderão usufruir das benesses que a água límpida pode trazer.

O silêncio se fez entre eles e o líder da aldeia conseguiu, logo depois, que eles concordassem com a ideia, e se comprometeu a preservar a nascente para que ela pudesse produzir a benefício de todos por longo tempo.

18 - A visita dos padres

Todas nós sabíamos quando os padres vinham para tratar de questões administrativas com a Madre Superiora. Até mesmo já os conhecíamos, pois os víamos se aproximando do convento.

Mas aquele não era um dia que os esperávamos. E nem eram os mesmos padres que estavam vindo. Achamos muito estranho e todas nós ficamos de sobressalto.

A Madre Superiora os recebeu na sala isolada e ficou com eles mais de duas horas, conversando. Logo depois me chamou na mesma sala.

60 Quando entrei, vi a tristeza em seus olhos e em sua face. Falou-me que eles estiveram ali por minha causa. De alguma forma, a fama de “bruxa que resolvia problemas” tinha chegado até eles. Talvez com muitas coisas acrescentadas pela imaginação das pessoas que comentavam os acontecimentos.

A verdade é que a Madre ficou inquieta, pois isso era o prenúncio de que eles iriam investigar o que ocorria comigo, e não era um bom sinal.

A tristeza então tomou conta do meu coração e do meu pensamento. Uma tristeza profunda, indescritível. Saí da sala e fui quase correndo ao cantinho das rosas. Olhava para cada flor, mas elas não me transmitiam a alegria de outros tempos.

Em lágrimas, dirigi meu pensamento à Mãe de Jesus pedindo ajuda.

– Senhora de Nazaré, me ajude. Não entendo o que ocorre comigo mesma. Por que vejo o que outros não veem? Por que ouço o que outros não ouvem? Por que sinto o que outros não sentem?

Por que tenho que trazer mais problemas para estas companheiras, além daqueles que já temos no nosso dia a dia? Por que, Senhora?

Quando as lágrimas eram mais abundantes, vi o Anjo-mulher se aproximar, colocar suas mãos sobre minha cabeça para me amparar, e ouvi o que me falava:

– Lembre-se das palavras de Jesus: “Não se turbe o vosso coração nem se arreceie, pois Eu estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amai o vosso próximo como Eu vos amei, pois assim saberão que é minha discípula” Filha, lembre-se de Jesus e prossiga espalhando a paz que Ele prometeu, em sua convivência.

19 - A investigação

Não sei se foi por causa das mãos do Anjo-mulher ou se foi por causa da tristeza profunda que havia tomado conta do meu coração, eu sei que a fraqueza chegou em todo o meu corpo e sofri um desmaio ainda ali, no cantinho de rosas.

Mais tarde percebi que tinha sido levada ao meu catre e as irmãs cuidavam de mim. Mas foi longo o período da minha recuperação, para que eu pudesse me levantar novamente.

Os padres, logo após a reunião com a Madre Superiora, se dirigiram à vila e os habitantes dali providenciaram uma casa desabitada para os abrigar. Prepararam e mobiliaram a casa para que eles pudessem ficar o tempo que quisessem.

62 E eles aproveitaram este tempo para investigar, perguntando muito sobre o convento e particularmente sobre mim mesma.

Vieram também, vários dias, na distribuição, conversando com um e com outro, sempre perguntando da minha saúde e se chateando por não poderem conversar diretamente comigo para fazer indagações.

Um dia, o mais velho dos dois perguntou a uma das irmãs sobre o que chamavam de “água milagrosa”.

Ela, sorrindo, explicou que se tratava de uma água pura e cristalina de uma nascente interna do convento, que era distribuída para os aldeões. Ela acreditava que eles chegavam tão cansados das longas caminhadas que se beneficiavam da sombra das árvores e da água que os refrescava. Talvez por isso a chamavam de milagrosa.

O padre então pediu que ela lhes fornecesse um cântaro desta água, sem explicar o porquê do seu pedido.

Passado um tempo, os padres procuraram novamente a Madre Superiora e lhe disseram que nada de excepcional haviam encontrado em suas investigações. Apenas não podiam considerar como definitiva a conclusão por não terem conseguido conversar comigo pessoalmente, mas o relatório que iriam levar aos seus superiores era de que ali havia muito mais falatório do que milagres verdadeiros.

Foi só aí que o padre mais velho dirigiu a palavra à Madre Superiora e explicou:

– Senhora, eu tinha uma falta de ar muito forte com as caminhadas mais longas, mas a sua água me ajudou a melhorar. Se há algo de verdadeiro no que o povo fala, talvez esteja na sua “água milagrosa”. Por que a senhora não pede que deem esta água para a irmã Maria de Jesus para que ela se cure mais rapidamente?

20 - A tarefa com as crianças e as realidades diferentes

Quase dois meses depois do desmaio, consegui me levantar da cama e, amparada pelos ombros amigos de duas irmãs, dar os primeiros passos.

Naquele dia, pude ver os preparativos para a distribuição de mantimentos e tive o desejo muito grande de poder participar, mas não tinha ainda condições. Pedi, então, que me levassem lá para fora, para poder continuar a observar as tarefas das quais tinha tanta saudade.

64

Quando abriram o portão, elas me levaram e me colocaram sentada junto com as crianças que estavam sob os cuidados da irmã Maria das Graças. Dali eu via ao longe as irmãs distribuindo as frutas e pedia a Deus me fortalecesse para poder retornar o mais breve possível.

E as tarefas das crianças? Como tinha mudado! Quantas crianças sentadas ao redor da irmã Maria das Graças.

No início, na parte das músicas, elas cantavam maravilhosamente. Algumas até, pensava eu, podiam estar lá na frente ensinando as outras. O canto soava como uma bênção que me invadia a alma.

Depois, quando começaram as partes de ensino de leitura e escrita, a atenção delas era exemplar. Parecia que absorviam tudo o que era ensinado com uma alegria de quem valoriza muito os novos aprendizados.

Terminada a tarefa, ainda ajudada, agora pela irmã Maria das Graças e por outra juvenzinha, comentei da minha alegria imensa

de ver a tarefa que tinha crescido, comentei que me maravilhei da atenção que percebi no aprendizado.

Maria das Graças olhou para mim, sorriu e disse:

– Hoje você sentiu tudo isso? Creio que é por causa da doença e do período que ficou longe, porque logo hoje que você voltou vieram tão poucas crianças. Apenas cinco para o aprendizado. Normalmente esse número é maior.

Olhei para ela espantada. A princípio achei que ela estava brincando comigo, pelo sorriso que estampava no rosto. Mas logo percebi que eu e ela tínhamos visto realidades diferentes, apesar de estamos juntas, no mesmo local e na mesma hora.

21 - O sonho com a grande igreja

Aquela noite foi infindável. Quando me levaram até meu catre, pois eu ainda não conseguia andar sozinha, comecei a lembrar tudo o que tinha visto durante o dia, e me indagava sobre o que era real e sobre o que era minha imaginação.

Perguntava a mim mesma como Maria das Graças tinha visto somente cinco crianças quando eu vi pelo menos umas cinquenta. Eu me lembrava de cada sorriso daqueles rostinhos alegres. Eu me lembrava das músicas maviosas que saíam de seus lábios e me alegravam a alma. E a pergunta se repetia, de minuto a minuto: o que era real e o que era fruto da minha imaginação?

66 Quando, enfim, adormeci, os sonhos chegaram. Sonhei que estava em uma grande igreja e no púlpito um padre e ia iniciar seu sermão. Indicaram-me um banco onde podia ouvi-lo com clareza, sentei-me e comecei a prestar atenção.

“Queridos irmãos, hoje vamos falar sobre a realidade da vida.

Desejo recordar a passagem do Evangelho onde Jesus se transfigura e conversa com Elias e Moisés, na frente dos seus discípulos. Seus seguidores poderiam se perguntar naquele momento se aquilo era real ou imaginação, mas Pedro não teve dúvidas, tanto é que se propôs a erguer três tendas, uma para cada um deles. E sabemos que Moisés e Elias já não viviam naquele tempo.

Então lhes pergunto: o que é a realidade? É apenas o que vemos e ouvimos com os nossos sentidos? Ou a realidade vai muito além da nossa compreensão humana?

E o fenômeno das vozes que falaram línguas diferentes no Pentecostes?

E a presença de Jesus junto aos seus seguidores mesmo depois da crucificação?

Meus queridos, que nossas mentes estejam abertas a compreendermos que a realidade de Deus é diferente da realidade dos humanos.”

Quando acordei em meu leito, compreendi que aquele padre, no meu sonho, estava respondendo às minhas perguntas, às minhas mais íntimas perguntas, aquelas que eu não tinha formulado para ninguém.

22 - A doença da Madre Superiora

Depois daqueles dias, sobreveio ao convento um longo período de paz e tranquilidade.

Os padres se afastaram, vindo apenas o mínimo suficiente para os processos administrativos com a Madre Superiora.

A tarefa da distribuição se fazia com calma e sem grandes sobressaltos e dificuldades. Distribuíamos o que tínhamos de sobra e isso era aceito com alegria por todos.

A tarefa com as crianças crescia e Maria das Graças precisava cada vez mais de ajuda para poder atender a todos que ali iam.

68

Eu mesma já não sentia nada de diferente em meus dias. Estava até com saudades do Anjo-mulher e das dificuldades que às vezes me fazia falar coisas que não imaginava nem pensava. Minha alegria se fazia mais na hora do Ângelus, quando eu sentia a boa vibração que vinha de todas nós e que nos alimentava a alma.

Isso durou até que a Madre Superiora ficou doente. Ela, de cama, não conseguia cumprir suas funções e isso trouxe de volta a presença mais intensa dos padres. E eles recomeçaram a querer investigar acontecimentos passados. Mas não encontravam nada, pois nada de anormal estava acontecendo. Então se voltaram para a questão da água milagrosa.

Começaram a ir às casas das pessoas para perguntar e perguntar, causando um incômodo que fazia com que a paz começasse a ir embora. As pessoas ficaram intranquilas, a distribuição começou a ter reclamações e tudo parecia que não andava bem.

Foi quando ouvi, dentro da minha mente, a orientação:

– Minha filha, vá ao quarto da Madre Superiora sozinha e ore com fervor a Maria de Nazaré pela sua cura.

Ouvi e obedeci.

Pedi às irmãs que cuidavam dela para me deixarem sozinha com ela e orei como nunca tinha orado em minha vida. E vi uma nuvem branca, muito branca, se aproximar e recobrir o corpo todo da enferma. E, sem que eu compreendesse o que ocorria, a vi desaparecer, como se tivesse sido absorvida pelo corpo adorentado.

E, em seguida, a Madre Superiora teve uma acesso de tosse que parecia ser uma piora em seu estado, mas que fez com que ela se sentasse no leito para tossir melhor e, em pouco tempo, se levantar em busca de um copo de água.

E a cura veio em seguida, o que a levou a reassumir suas tarefas, e logo a paz retornou a todas as atividades.

E eu orei novamente, agradecendo a Maria de Nazaré a ajuda que nos dera.

23 - A oração do Ângelus

Dentre as muitas perguntas que eu me fazia constantemente, sem encontrar resposta nos meus entendimentos, havia uma que sempre retornava ao meu pensamento: desejava eu saber como seria uma reunião de anjos nos céus.

Quanta harmonia haveria em suas conversações.

Quanto de amor haveria em seus cânticos ou em suas expressões de arte.

Quanto de paz emanariam eles em favor daqueles a quem eles endereçavam seus pensamentos.

Na verdade, desejava eu poder participar, um dia, de uma reunião dessas e sentir, pessoalmente, o que ela representaria. A resposta aos meus pensamentos veio nas orações do Ângelus de que participei.

O suave cântico que embalava as primeiras preces endereçadas à mãe de Jesus.

As palavras de agradecimento, nas preces proferidas, aos exemplos que Maria nos deixou.

Até mesmo aos pedidos que eram endereçados à Mãe Santíssima para que ela auxiliasse a esse ou àquele que estava passando por uma necessidade maior.

E, por fim, aos cânticos que todas nós fazíamos juntas no encerramento das orações. Estes cânticos endereçavam a nós mesmas uma sensação de paz, alegria e felicidade que não podíamos encontrar em nenhum outro lugar.

Lembrava eu sempre nesta hora do ensinamento de Jesus:

“Eu lhes dou a paz, não vos dou a paz que o mundo não pode dar, mas vos dou a paz que vem de Deus.”

24 - A história de Adelaide

Com o passar do tempo, várias irmãs partiram. Algumas simplesmente deixaram o convento, outras deixaram a própria vida. E, assim como algumas partiram, outras chegaram.

E estas novas que vieram me olhavam com muito respeito, talvez pelas histórias que lhes contavam, algumas verdadeiras e outras aumentadas pela imaginação.

E, com isso, quando uma dificuldade maior se apresentava a elas, gostavam de ouvir o que eu tinha a dizer a respeito, para ajudá-las a resolver os problemas. E isso às vezes me trazia muita dificuldade, pois de mim mesma pouco tinha a lhes oferecer. Mas, dificuldade mesmo muito grande tive quando me procuraram para falar sobre o caso da Adelaide.

71

Eu já tinha ouvido os comentários desairosos que se faziam. As irmãs me procuraram e foram me dizendo tudo o que era comentado. Que ela estava indo quase todos os dias a uma casa onde havia três moços solteiros e que muitas vezes vinha de lá chorando. E, quando alguém a abordava pedindo alguma explicação, ela nada falava, apenas chorava ainda mais copiosamente.

Eu não sabia o que lhes dizer. Então combinei que iria pessoalmente àquela casa, sem avisar a Adelaide, e depois retornaria com alguma explicação.

Uma manhã, orando muito e pedindo ajuda ao Anjo-mulher, fui até lá. Os moços não estavam, apenas os pais.

Perguntei-lhes dos filhos e me disseram que tinham saído em busca de algum trabalho para trazer o sustento para o lar.

Na minha mente, brotaram várias outras perguntas.

– O que eles fazem?

– Nós não sabemos. Mas eles sempre trazem o alimento necessário. Diariamente.

– E vocês não têm mais filhos?

– Apenas uma menina que desapareceu em criança e nunca mais vimos.

– E a Irmã que os visita, o que ela faz aqui?

– Ah... Ela vem limpar a casa de vez em quando. E conversa muito de Deus, mas os meninos nem a ouvem direito. Coitada... Chora porque eles nem lhe dão atenção. E nós também não compreendemos bem o que ela nos fala, então também não lhe damos muita atenção quando começa com o palavrório.

Agradei as explicações e retornei ao convento. No caminho de volta, vi o Anjo-mulher caminhando ao meu lado e perguntei:

72

– Pode me ajudar a entender?

– Você não entendeu? Adelaide é esta filha perdida na infância. E seus irmãos estão vivendo de pequenos roubos nas redondezas. Ela tenta, com todas as suas forças, modificar o ambiente doméstico e ajudar os pais e irmãos, mas nem sequer é reconhecida por eles.

Naquele instante, era eu que estava chorando no final da caminhada de retorno, mas, ao chegar ao convento, fui procurada pelas mesmas irmãs que me esperavam ansiosamente e, sem poder contar toda a verdade, lhes falei:

– Vocês se lembram do ensino de Jesus: “Orai e Vigiai!” Pois bem, se Adelaide está errando de alguma forma, ela necessita da nossa oração para corrigir seus erros. Se ela não está errando, precisa da nossa oração para se fortalecer e não chorar mais. E, quanto à vigilância, é necessária para nós mesmas, para que não estejamos contribuindo para aumentar o mal com nossas próprias palavras.

25 - Os pensamentos sobre a verdade

No restante do meu dia, fiquei a meditar naquilo que eu tinha falado às irmãs e também naquilo que eu não tinha falado.

Quando me recolhi ao meu catre, a pergunta que não queria calar em minha mente era se eu havia mentido a elas quando não contei toda a verdade ou se tinha feito o certo para aquele momento.

E os pensamentos fluíam em minha mente, a ponto de nem eu mesma saber direito aquilo que pensava.

Lembrava eu que o próprio Cristo afirmou que não tinha sido possível a Ele contar toda a verdade e que um dia enviaria um Paracleto que diria tudo o que Ele dissera e muito mais.

Lembrei-me também da passagem de Jesus falando: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Quem não vier a mim não irá ao Pai.”!

Então, em minha mente, se justificava o fato de eu não ter falado toda a verdade, pois ela prejudicaria a Adelaide e sua família. Também me vinha a possibilidade de, um dia, no futuro, poder dizer aquilo que chegara ao meu conhecimento sem causar danos a ninguém.

Mas também me perguntava: o que é a verdade que conduz a Deus?

Com certeza não era esta verdade do dia a dia, corriqueira, que muitas vezes nos envolve sem sabermos. Mas devia se tratar de uma verdade maior. Uma verdade que nos amparou ontem, nos ampara hoje e nos amparará no futuro.

E o que Jesus quis dizer ao afirmar que Ele era a verdade?

Com certeza, pensava eu, se referia aos seus ensinamentos:

“Amai-vos uns aos outros” ou “Perdoai até setenta vezes sete vezes.”

Pensando estas coisas, compreendi a necessidade de estudar melhor os ensinamentos que Jesus nos deixou, pois desejava eu também, como todas as pessoas, conhecer esta verdade que me conduziria pelo caminho da vida eterna.

26 - A família Torres

Naquele ano, o inverno chegou mais cedo e mais rigoroso, pegando todas nós de surpresa.

No convento, mal conseguíamos nos aquecer durante o dia, pois o sol parecia cada vez mais tímido, não conseguindo transmitir o seu calor. E à noite então ficava ainda mais difícil.

No vilarejo de além-rio, as dificuldades eram ainda maiores, principalmente por causa das crianças e dos velhinhos. A cada dia, recebíamos pedidos de ajuda que não conseguíamos atender e nossos corações ficavam entristecidos, pois não sabíamos o que fazer.

Somente uma das famílias do povoado, os Torres, ainda tinha condições de enfrentar aquele frio todo, pois cultivava algodão para vender no mercado e podia tecer cobertas melhores com isso.

Várias famílias foram até eles para pedir ajuda, mas a resposta do Sr. Torres era sempre a mesma: o algodão estava endereçado para venda no mercado e não podia ser desperdiçado.

Depois de uma noite ainda mais fria, recebemos no convento uma comitiva que nos pedia que fôssemos nós até o Sr. Torres para pedir ajuda. Isso não podíamos negar de fazer, apesar de prevermos que não adiantaria nada, pois não sabíamos como convencê-lo a ajudar. Comprar o algodão não podíamos, teríamos que pedir que ele nos desse. Fui designada, junto com outras três irmãs, para o intento.

Quando saíamos do convento, se aproximou uma velhinha com um cachecol estranho que nos disse:

– Vocês vão lá para os lados dos Torres?

– Sim.

– Posso ir junto? Vou para aqueles lados também. Como caminho com dificuldade por causa da perna, vou atrasar um pouco a jornada de vocês, mas podemos conversar, pois conheço a família desde que eram pequenininhos.

Fomos juntas as cinco. Realmente a velhinha manquejava um pouco, mas tinha uma conversa bem agradável, nos contando várias coisas da família Torres.

Perto da casa, ela separou-se de nós, seguindo por outro caminho. Ao chegarmos à casa, já fomos recebidos com ironia.

– Agora mandam as freiras? O que estão pensando? O algodão é para venda e não para doação.

Respondi:

76

– Senhor Torres, por favor, várias famílias se beneficiariam e poderiam atravessar esse inverno rigoroso mais facilmente.

– Quem vocês pensam que somos? Trabalhamos no cultivo o ano todo e agora vêm nos pedir de graça?

Sem ter argumentação para convencê-lo, falei:

– Olha, no caminho veio uma senhora conosco que nos contou que vocês já foram pobres e passaram frio. Tanto que numa ocasião o senhor e seu irmão ficaram muito doentes. Se tivessem o algodão que hoje têm, isso não teria acontecido.

– Quem falou isso?

– Uma senhora que veio conosco até aqui pertinho. E, por curiosidade, ela usava um cachecol bem parecido com o do senhor. Disse-nos ela que, num inverno, pegou a mania de usar o cachecol devido ao frio intenso.

O senhor Torres ficou branco na minha frente e perguntou:

– Ela andava normalmente?

– Não senhor, ela mancava um pouco de uma perna, tanto que viemos mais devagarinho.

A palidez do senhor Torres ficou ainda maior. Ele saiu da sala por instante e retornou modificado, pois nos disse:

– Peça que venham buscar o que precisam. Eu lhes darei o algodão para tecerem cobertas.

Sáímos e fiquei sem entender nada. Voltamos ao convento e demos o recado àqueles que lá nos esperavam e a alegria foi muito grande.

À noite, em oração, pedi a Deus para compreender o que tinha acontecido e, sem que ninguém me dissesse nada, entendi que a velhinha era a mãezinha do senhor Torres. Só que ela era falecida há mais de dez anos.

27 - Antônio Piero

Passamos por aquele inverno com muitas dificuldades. O auxílio dos Torres amenizou um pouco, mas outras coisas tornaram difíceis aqueles dias. Os nossos pomares e hortas não produziram nem mesmo para suprir as necessidades do convento, quanto mais para distribuir alguma coisa.

Mas o frio se afastou. E chegou um período de paz e harmonia para todos nós. As crianças retornaram à convivência com Maria das Graças, pois no inverno não conseguiam vir. A distribuição retornou ao seu ritmo normal e com isso a convivência com as pessoas da vila de além-rio.

78 Foi nesse período de paz e harmonia que conhecemos o Antônio Piero.

Era um menino-moço que às vezes vinha com os pais e às vezes com os irmãos mais velhos. Ficava no grupo da Maria das Graças, mas sozinho, afastado das outras crianças que evitavam conviver com ele. Tinha ele muita dificuldade de entendimento, então ficava lá, quietinho, sem atrapalhar, mas também sem participar do aprendizado.

Seus pais nos contaram que ele não conseguia fazer direito as tarefas do cultivo da terra, e que, para explicar alguma coisa a ele tinham que repetir várias e várias vezes.

Mas o menino-moço tinha um dom diferente: parecia que todos os cães da redondeza gostavam dele. Quando ele vinha em direção do convento, vários cães o seguiam por trechos da caminhada e depois se afastavam quando outros cães chegavam por perto. E, mesmo quando estava no grupo das crianças, alguns

cães vinham perto dele e se deitavam tranquilamente, como a dizer: estando ao seu lado estamos bem.

Mas...

Em um entardecer, a paz foi quebrada pelo alarido que vinha da vila. Uma gritaria que chegou até nossos portões, pois lá bateram pedindo ajuda.

A aflição era grande, pois uma criança de menos de quatro anos havia se perdido na floresta, e, se não a encontrassem a tempo, a noite seria muito perigosa e temiam pela sua vida.

Pediram que fôssemos também nós caminhar pela floresta para procurá-la. Saímos, várias noviças e freiras pelos caminhos. Fui junto.

Saindo do convento, um pensamento veio à minha cabeça com muita força: Antônio Piero!

Por que isso? Eu não sabia.

Mas desviei meus passos e fui em direção da residência do menino-moço. Encontrei-o já deitado em sua cama. Aproximei-me e apenas lhe disse:

– Nos ajude, por favor!

Não foi preciso nenhuma outra palavra ou explicação.

Ele se levantou rápido, assobiou e juntou uns dez cachorros ao seu lado. Saiu com eles e em pouco tempo localizou a criança perdida.

Quando ele a trouxe em seus braços, a emoção foi muito grande e, a partir daquele dia, ele foi tratado de forma diferente pelos habitantes da vila e também por nós.

28 - Ana Luzia

Foi também naquele inverno rigoroso que recebemos uma noviça que, ao vê-la, considerei que era ainda uma criança, tão novinha me pareceu. Em princípio, continuou a ser chamada pelo seu próprio nome: Ana Luzia.

Nos primeiros tempos, nós a víamos a chorar pelos cantos do convento a todos os instantes. Várias de nós tentamos conversar com ela para ajudá-la, mas não conseguíamos ouvir dela quase nada, pois Ana Luzia não se abria a falar com nenhuma de nós. Falávamos nós a ela para se acalmar, para orar, para se ambientar, mas muito pouco conseguíamos.

80 Quando o inverno se foi e a calmaria do tempo melhor chegou, ela encontrou uma tarefa que a deixava um pouco mais calma: cuidar de replantar o cantinho das rosas, pois o inverno tinha judiado muito de nosso cantinho precioso.

Nos primeiros dias que ela se propôs a esta tarefa, nós não percebemos muito as mudanças, pois ainda víamos lágrimas em seus olhos a todos os instantes.

Mas, com o passar do tempo, Ana Luzia parece que parou um pouco de chorar. E ainda, passando mais o tempo, conseguimos ver até mesmo um sorriso em seu rosto.

Eu estava surpresa com a mudança e tentei entender o que se passava. Fui com ela um dia ao cantinho das rosas e, quando nos encontrávamos só nós, ela me surpreendeu com sua pergunta:

– Você também a vê?

Não sabia do que ela estava falando, então olhei-a com a dúvida estampada no rosto. Ela continuou:

– A mulher que parece um anjo. Você também a vê e conversa com ela?

Sem ação, respondi um sim com a cabeça e ela continuou:

– Ela me falou isso. E me falou muita coisa, parecia que conhecia tudo o que ia no meu coração dolorido. Me ajudou a compreender de forma diferente os acontecimentos e me pediu que me aproximasse de você, pois podíamos nos ajudar uma à outra. Ela é um anjo ou é uma mulher?

Tentei lhe dizer a explicação que o Anjo-mulher tinha me dado quando fiz esta mesma pergunta a ela e não consegui explicar direito, mas ali nasceu uma amizade que permaneceu ao meu lado até o final de minha vida.

29 - As tarefas iam se transformando

Depois daquela conversação, passei a observar a Ana Luzia com mais atenção e carinho. E pude ver que ela, aos poucos, ia se integrando nas tarefas diárias do convento.

Aliás, isso era uma realidade que ia se transformando, pois eu, Maria das Graças e algumas outras freiras já fazíamos parte daquelas que não tinham tanta vitalidade para carregar as cestas de frutas, para abrir o pesado portão ou para carregar a água que era distribuída. Então as mais jovens assumiam as tarefas mais pesadas e nós íamos juntas, participando das conversações e orientando quando necessário.

82 As tarefas de Maria das Graças haviam crescido e agora havia grupos de crianças que se subdividiam e ela necessitava de outras irmãs para cada grupo. E Ana Luzia se propôs a esta tarefa, se identificando com os mais pequeninos que ali vinham. Parecia uma irmãzinha deles, tratando-os com muito carinho e atenção.

Particularmente ela gostava de dois irmãos que vinham com seus pais constantemente. Ficava ao lado deles e conversava, e conversava, e conversava... Sempre com um sorriso bondoso nos lábios.

Um dia, a menininha chegou ardente em febre e a atenção dela foi ainda maior, não saindo do seu lado.

Eu observava de longe ela oferecendo a água para a pequenina e me perguntei, endereçando meus pensamentos ao Anjo-mulher:

– Senhora, não pode ela ser curada por esta água, como já vi tantos outros serem curados?

De imediato, o Anjo-mulher se fez presente ao meu lado e, sorrindo, me disse:

– Olhe com bastante atenção para as mãos da Ana Luzia.

Olhei e, em princípio, nada vi. Mas pude, aos poucos, observar uma luz saindo de seus dedos em direção à pequenina. E a água que passava por suas mãos como que se transformava antes de ser bebida.

Tive a certeza, quando vi estas coisas, que a cura da pequenina estava se dando sob as minhas vistas.

30 - O valor das pequenas tarefas

Cada vez mais eu via na Irmã Ana Luzia a minha própria juventude. Juventude que há muito havia passado e que apenas nas minhas recordações se fazia presente.

A alegria que ela demonstrava nas tarefas que realizava. As surpresas que ela revelava quando acontecimentos inesperados e inexplicáveis ocorriam ao seu lado, principalmente quando se tratava do carinho e amor que ela dedicava às crianças.

Cada vez mais tínhamos longas conversas, quando cuidávamos do pomar ou do cantinho das rosas. E ela me dizia que também tinha as mesmas dúvidas que, durante muito tempo, estive-ram em minha mente.

84 Era tudo fruto de sua imaginação o que ocorria?

O que de verdade acontecia?

Como podia a água pura e simples trazer a cura das doenças?

Quem era aquele Anjo-mulher que a amparava sempre que necessitava?

E eu não tinha respostas para ela, pois eu não tinha conseguido responder para mim mesma a estas questões.

Um dia, no cantinho das rosas, nos emocionamos juntas. Vimos o Anjo-mulher se aproximar e falar conosco, juntas, pela primeira vez.

“Minhas filhas.

**Vocês têm uma pequenina tarefa a realizar.
Pequenina, mas importante.**

Lembrem-se dos ensinios de Jesus e espalhem para aqueles com quem conviverem.

Espalhem o ensinamento com um sorriso, com uma palavra amiga, com um pensamento bondoso endereçado àqueles que necessitam.

Não se cansem de lembrá-los de que Jesus os ama e, ao distribuir uma fruta ou uma palavra, confiem que uma sementinha de amor está sendo semeada naquele coração.

E, como o semeador que saiu a semear, se alegrem, pois um dia esta semente crescerá e dará seus próprios frutos.

As pequeninas tarefas que chegam até vocês são preparativas para a construção de um mundo de paz e amor que Jesus nos disse que chegaria quando houver um só rebanho para um só pastor.”

31 – As meditações sobre gratidão e a Madre Superiora

Com o avançar da idade física e o afastamento natural das tarefas mais pesadas, eu encontrava mais tempo para as orações e para a meditação, quando me encontrava sozinha.

E uma das coisas que sempre vinha à minha mente era a questão da gratidão, do agradecimento.

Pensava eu o quão pouco eu agradecia a paz quando ela chegava ao nosso coração.

Pensava eu o quão pouco eu agradecia o alimento, a água e o ar que nos sustentavam a vida.

Pensava eu o quão pouco eu agradecia aqueles que trabalhavam ao meu lado, ajudando na minha existência.

E, dentre aqueles que eu pouco agradecia, estava a Madre Superiora.

Ela sempre estava ali nos apoiando, nos incentivando, nos confortando nos sofrimentos maiores. Ela cumpria sua função com simplicidade, mas raras e raras vezes chegavam até nós os problemas administrativos do convento.

E foi nesta época em que eu pensava nestas coisas que ela adoeceu novamente. Na primeira vez que isso ocorreu, a prece a recuperou e ela nos ajudou a afastar a influência dos padres no convento.

Pensei comigo mesma: “Se eu conseguir orar novamente sozinha em seu leito, ela irá melhorar.” Mas não consegui este intento. Ela estava sempre sendo cuidada por várias de nossas irmãs, que nos diziam que a doença era grave.

Quando consegui ir até ela, uma tarde antes da oração do Ângelus, vi uma multidão de freiras em seu quarto. Mais freiras do que tínhamos no convento. Olhei melhor e vi várias irmãs que já haviam partido pelas portas da morte.

Estranhei.

Pensei ser fruto da minha imaginação, mas vi, entre elas, a irmã Soledad, que veio até mim e falou:

- Minha amiga. É hora da despedida. Ela irá conosco.

Perguntei, no meu pensamento:

- Irá com vocês? Para onde? Como?

Irmã Soledade, sorrindo, respondeu:

- Eu sei que você tem muitas perguntas a fazer e afirmo que, em breve, elas serão respondidas. Ao menos algumas delas. Mas, por agora, a oração em favor de nossa querida companheira é o de que necessitamos.

Logo em seguida, vi entrar no quarto o Anjo-mulher e vi novamente o fenômeno dos dois corpos. Um na cama deitado e outro, muito debilitado, ser levado pelo Anjo-mulher para fora, para onde eu ainda não sabia o destino.

32 – A nuvem de tristeza

Uma nuvem de tristeza se abateu sobre o convento. Algumas irmãs se punham a chorar, e o desânimo fez morada nos corações por várias semanas.

Também chegou uma confusão natural, pois todas nós nos perguntávamos quem iria substituir a Madre Superiora. Seria alguém que já estava no convento? Seria alguém que viria de fora sem nos conhecer? O que iria acontecer dali em diante?

Tentei, com todas as minhas forças, levantar o ânimo das irmãs, mas parece que me sentia sozinha e abandonada. Nem sequer o Anjo-mulher pude perceber ao meu lado, dando alguma orientação.

88

Algumas das tarefas começaram a ser abandonadas e outras, a meu ver, estavam sendo feitas por simples cumprimento de dever, sem que o amor fosse parte do trabalho.

Um dia vi também a Irmã Ana Luzia com lágrimas nos olhos. Busquei me aproximar e perguntei:

– Também você está se entregando à tristeza e ao desânimo?

– Não, não. – respondeu-me ela. – Preciso lhe contar um sonho lindo que tive esta noite. Sonhei com uma mulher, não era o Anjo-mulher, mas uma senhora desconhecida, que me falou para prosseguir e prosseguir. Para que nós continuemos as tarefas que já sabemos realizar e as façamos com amor. Que as circunstâncias atuais vão se solucionar da melhor forma possível, pois Deus está no comando e não nos abandona em um só momento. Pediu-me para transmitir esse recado a todas e por isso estou emocionada. Não sei quem ela é, mas confio no que ela me falou.

Juntas, iniciamos ali a tarefa de conversar com todas, uma a uma, buscando incentivar a coragem e o ânimo para passarmos por tudo.

Os ânimos melhoraram um pouco, mas as conversações sobre o futuro ainda eram a tônica de todas. Algumas falavam até no meu nome para ser a Madre Superiora, e isso me deixava triste e pensativa: “Tinha eu essa capacidade? Eu achava que não.”

Semanas se passaram nesta angústia, até que os padres vieram para dar a notícia: havia uma freira de família influente da região, que tinha facilidade com os aspectos de administrar o convento, pois já administrava a casa paterna antes de se decidir pela clausura. Seria ela a nossa Madre Superiora a partir dali.

Isso trouxe de volta algumas incertezas entre as irmãs, pois se perguntavam como alguém que não nos conhecia poderia ser melhor do que se escolhessem uma de nós. Mas isso já estava decidido.

89

Passados dois dias, retornaram os padres com a freira, que nos foi apresentada na hora do canto do Ângelus. Vi a Irmã Ana Luzia ficar branca como a neve e achei que ela ia desmaiar, mas não podia ampará-la enquanto estávamos sendo apresentadas, uma a uma, à nova Madre Superiora.

Terminada a apresentação, me aproximei da Irmã Ana Luzia e perguntei:

– Sente-se bem? O que aconteceu?

E ela, espantada, me respondeu:

– É ela.

Não entendi a resposta, já que não foi isso que perguntei. Olhei-a indagadora e ela complementou:

– É ela. A senhora que vi no sonho e que me disse que tudo seria solucionado a contento por Deus.

33 – A nova tarefa

Depois das apresentações, o convento entrou em um processo de reorganização. A nova Madre Superiora, querendo nos conhecer melhor, passou a acompanhar nossas atividades diárias.

Sempre com um sorriso no rosto, nos incentivava a fazermos nossas tarefas como se Jesus estivesse ali presente, nos observando.

90 Ela sentiu-se incomodada com a presença constante dos padres dentro do convento, pois eles tinham tomado essa liberdade a partir da morte da antiga Madre Superiora, e nos perguntou como era antes. Explicamos que ela os recebia na sala de visitas que não dá acesso às outras dependências do convento; a nova Madre Superiora gostou da ideia e a aplicou logo a seguir, cortando a presença dos padres no interior do convento.

As tarefas retornavam ao seu ritmo normal: as orações nas horas marcadas, os cuidados com o pomar e o cantinho das rosas, a distribuição das frutas, a tarefa com as crianças... E começávamos a desfrutar da paz que antes reinava no convento.

Um dia, a nova Madre Superiora nos chamou a todas para propor uma nova tarefa:

– Gostaria de iniciar, ao menos uma vez por semana, a tarefa de distribuir comida para aqueles que vêm em busca das frutas. Poderíamos cozinhar um pouco a mais do próprio alimento que fazemos para nós e distribuímos. E, após se alimentarem, gastaria que fizéssemos uma prece com eles e alguma de nós poderia falar um pouco, mas um pouco só, dos ensinamentos de Jesus. O que acham da ideia?

Uma das freiras tomou a palavra e perguntou:

– Nós fazemos a prece antes de cozinhar e antes de nos alimentarmos. Por que eles o farão no final, depois do alimento?

– Minha filha, não podemos esperar que eles prestem atenção à prece ou ao ensinamento com a barriga vazia. A preocupação com a fome vai tirar a concentração deles. Primeiro precisamos atender essa parte para que eles tenham a possibilidade de dar atenção aos ensinamentos.

E, assim, iniciou-se uma nova tarefa no convento. No começo uma vez por semana e, aos poucos, outros dias foram se incorporando à tarefa.

34 – A volta da irmã Soledad

A chegada do inverno nos trouxe uma notícia inesperada: as pessoas do vilarejo além-rio não poderiam nos fornecer o pão que sempre nos traziam, pois ainda não tínhamos autossuficiência neste alimento.

A Madre Superiora, demonstrando a simpatia que tinha por mim e por Ana Luzia, nos chamou para perguntar o que poderíamos fazer. Vi a irmã Ana Luzia sorrir com alegria e dizer:

– Por que não fazemos nós mesmas os pães? Eu tenho experiência, pois na casa de meus pais eu tinha esta tarefa.

92

Nessa reunião eu não falei uma só palavra. Só vi as duas se entenderem rapidamente e começarem a planejar como colocar em prática a ideia. E vi a alegria estampada no rosto da Irmã Ana Luzia, que dizia que, em pouco tempo, estaria distribuindo também o pão junto com o alimento que já estávamos entregando. Ela se dedicou a esta tarefa com muito amor.

Afastei-me das duas e fiquei só observando. E vi, ao meu lado, a Irmã Soledad que voltava, também com um sorriso nos lábios. Indaguei mentalmente sobre o porquê de tanta alegria e ela me explicou.

“Não percebe? As tarefas se modificam. Passam de mãos em mãos e o amor vai sendo transmitido de coração a coração. Assim também ocorre em nossas próprias vidas.

Hoje posso lhe responder ao menos a uma das perguntas que você sempre se faz: para onde vamos quando você vê os dois corpos? Um fica, inanimado, e é enterrado. E o outro? O outro vai continuar as tarefas em outro lugar.

Lembre-se de que Jesus nos disse que um dia haverá um só rebanho para um só pastor. O que você entende sobre isso? Que haverá um momento em que a paz estará em todos os corações? E quando será isso?

Hoje ainda vemos pessoas sofrendo com doenças e falta de alimentação. Isso não é paz.

Hoje ainda vemos pessoas que roubam e matam para possuir mais bens materiais. Isso não lhes traz a paz.

Hoje ainda vemos o sofrimento se espalhando pelas guerras. Isso não é a paz para os povos, nem para quem vence a guerra e nem para quem perde.

Então, há muitas e muitas tarefas a serem realizadas para se cumprir a promessa de Jesus. Todos aqueles que já desejam cooperar nesta tarefa são bem-vindos. Só que ela só irá terminar quando o fim for conquistado.

Precisamos perseverar e perseverar nas nossas tarefas de espalhar o bem como o pudermos fazer. E, quando o corpo terreno termina sua tarefa, o outro corpo é chamado a prosseguir.

Para onde vamos nós depois? Não importa o lugar. Importa que continuemos e continuemos a colaborar com Nosso Senhor Jesus Cristo.”

35 – Maria de Nazaré e o convento

Se a irmã Soledad acreditava que, com suas palavras, tinha aplacado meu cérebro e meu coração com as perguntas que me visitavam, se enganou completamente. Naquela noite não conseguia dormir. Outras mil perguntas invadiam meu cérebro. Eu não conseguia sequer me controlar.

Como assim? O outro corpo continuava vivendo? Onde? Como? Existia outra vida além da morte?

Então onde estavam aqueles que já partiram e que convivem ao meu lado?

As perguntas não respondidas eram tantas que eu já não sabia se estava dormindo ou acordada. Um estado febril dominou meu corpo e comecei a falar sozinha, perguntando e perguntando.

94

Percebi que algumas freiras vieram me amparar e, entre elas, vi a irmã Soledad retornando. Ela sentou-se em meu catre, colocou minha cabeça em seu colo e, como uma mãe amorosa amparando a filhinha em crise, começou a acariciar meus cabelos e a conversar.

Começou a me falar que existe sim vida após a morte e a contar histórias que me pareceram coisas fantasiosas. Mas ela contava com tanto carinho, com tanto amor, que fui me acalmando. O estado febril se afastou e as perguntas que brotavam em meu cérebro já não eram mais tão fogosas que me atormentassem.

Aí, depois que me acalmei, ela começou a me falar de Maria de Nazaré, a mãe de Jesus. Começou a me contar coisas que ela falava.

Que Jesus amava e confiava em toda a humanidade e que ela, Maria, tinha a tarefa de contar esta verdade a tantos quantos lhe era possível.

Que o “Amai-vos uns aos outros.” que Jesus ensinou devia ser transmitido de todas as formas que fossem possíveis a todos que pudessem ouvir.

Ela, falando de Maria, me pareceu que a conhecia bem de perto. Arrisquei a pergunta:

– Como você ouviu tudo isso. Você a conhece?

– Sim, minha amiga. Ela reúne junto a si todos aqueles que desejam contribuir com a tarefa de espalhar os ensinamentos do seu filho.

Minha curiosidade se dirigiu então para outro assunto e perguntei novamente:

– Então você faz parte dessa equipe de Maria? E a tarefa deve ser tão boa, tão mais simples do que aqui.

– Não acredite nisso, minha amiga. Temos nesta nova existência tantas dificuldades como vocês têm aqui. Ainda temos muito a aprender para chegar a essa tranquilidade que você pensa.

– Mas – disse eu – trabalhar em nome de Maria deve ser bem mais fácil. O nome dela deve abrir muitas portas, não?

– Minha amiga, isso seria verdade se ela usasse seu nome para isso. Mas a humildade e a simplicidade fazem com que trabalhe muitas vezes sem se fazer conhecida, pois isso não lhe é importante. O que importa é o espalhar o bem. Maria não usa o seu nome para nada. Ajuda a todos, assim como ajuda nosso convento.

– O nosso convento? - Perguntei espantada.

– Sim. Lembre-se que nosso convento é dedicado a Maria, a qual preza muito tudo o que ocorre em seu nome. E, veja, ela realmente não se importa de como é conhecida, tanto é que há aqueles que a chamam de Anjo-mulher e lhe perguntam se ela é um anjo ou uma mulher.

Ouvindo isso, eu silencieiei todas as minhas perguntas para entender melhor o que a Irmã Soledad me dissera.



Relação de livros do Grupo Espírita Cristão Irmãos do Caminho

1	Setembro/2016	Reuniões à volta da fogueira
2	Dezembro/2016	Mensagens sobre Pedro
3	Janeiro/2017	Histórias da Fazenda Grande
4	Fevereiro/2017	Centrinho
5	Março/2017	Histórias da Jussara
6	Abril/2017	Uma enfermaria de um hospital espiritual
7	Maio/2017	Rafael, o católico
8	Junho/2017	Pequenas histórias dos Irmãos do Caminho
9 a 12	Agosto/2017	Pai Tomé (1983 – 2017) – 4 volumes
13	Janeiro/2018	Mensagens de Amadeus
14 a 16	Julho/2018	Mais de 500 historinhas (3 volumes)
17	Novembro/2018	Novas notícias de Maria de Nazaré
18	(Ainda não editado)	Ouran, o príncipe russo
19	Setembro/2019	Histórias da Fazenda Grande II
20	Novembro/2019	Histórias da Jussara II
21	Dezembro/2019	Mensagens de Amadeus II
22	Janeiro/2020	Mais de 500 historinhas IV
23	Fevereiro/2020	Pequenas histórias dos Irmãos do Caminho II
24	Março/2020	Lucas de Genebra
25	Março/2026	Irmã Maria de Jesus e o Anjo-mulher

Valdir Taffarello
(Organizador)



Pai Tomé
(1983-1989)

Valdir Taffarello
(Organizador)



Pai Tomé
(1990-1999)

Valdir Taffarello
(Organizador)



Pai Tomé
(2000-2009)

Valdir Taffarello
(Organizador)



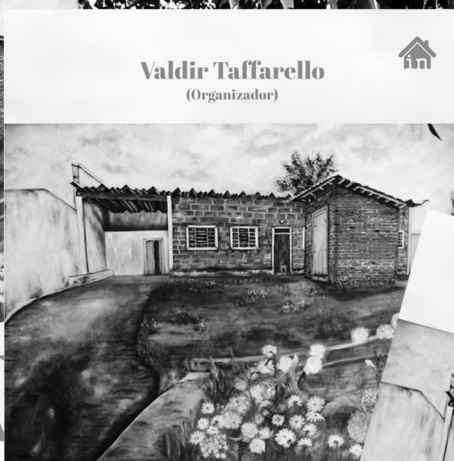
Pai Tomé
(2010-2017)

Valdir Taffarello
(Organizador)

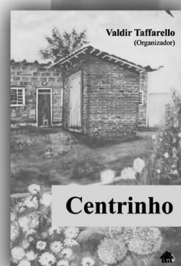


**Mensagens
de Amadeus**

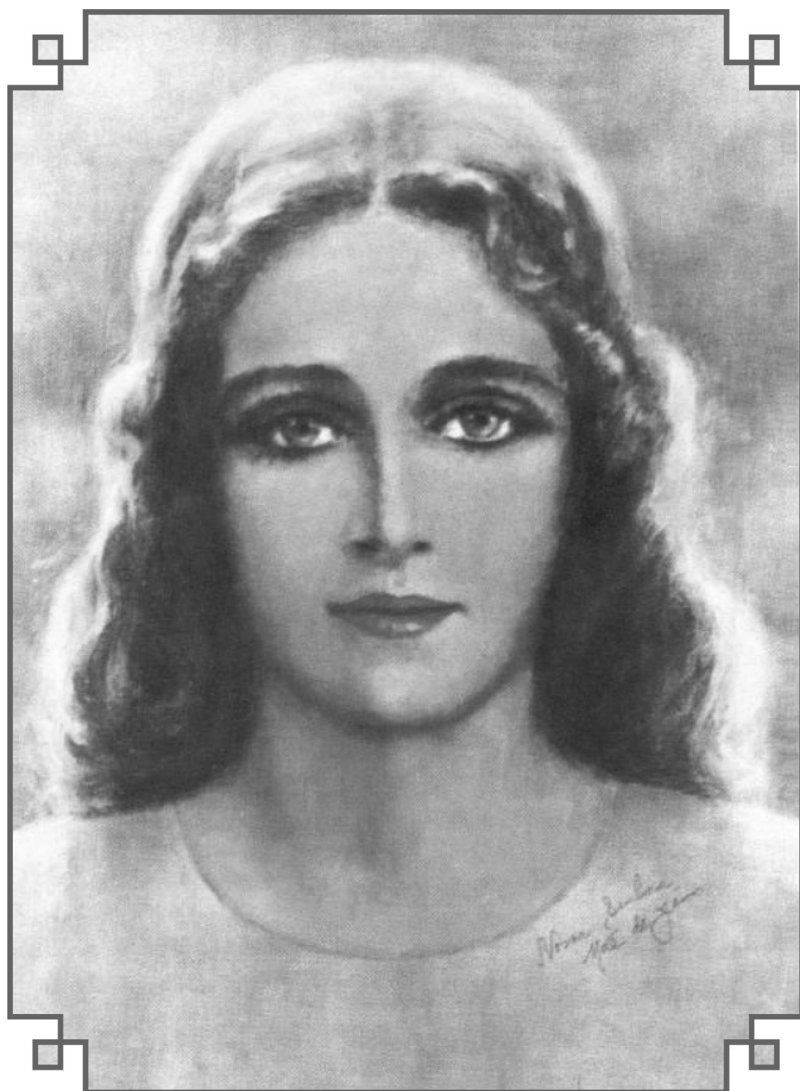
Grupo Espírita Cristão
Irmãos do Caminho



Grupo Espírita Cristão
Irmãos do Caminho



Grupo Espírita Cristão Irmãos do Caminho



(Anuário Espírita 1986)



*Amai-vos
uns aos outros como
Eu vos amei.
(Jesus)*

**Grupo Espírita Cristão
Irmãos do Caminho**

Fundado em 17/04/1976
Rua Francisco Carrilho, 363
Jardim Florestal
Jundiaí / SP
CEP 13.215.670

*Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco;
a essas também me importa conduzir, e elas ouvirão
a minha voz; e haverá um rebanho e um pastor.*

(João, capítulo 10, versículo 16)

Mas aquele que perseverar até o fim, esse será salvo.

(Marcos, capítulo 13, versículo 13)

*Então, há muitas e muitas tarefas a serem realizadas
para se cumprir a promessa de Jesus.*

*Todos aqueles que já desejam cooperar nesta tarefa
são bem-vindos. Só que ela só irá terminar
quando o fim for conquistado. Precisamos perseverar e
perseverar nas nossas tarefas de espalhar o bem
como o pudermos fazer. E, quando o corpo terreno
termina sua tarefa, o outro corpo é chamado a prosseguir.*

(Irmã Soledad)

*Gratidão ao tempo e à eternidade da vida,
que nos dá a oportunidade de novas existências
para podermos aprender a viver e caminhar para Deus.*

(Irmã Maria de Jesus)

ISBN: 978-85-7899-850-9



editorainhouse

www.editorainhouse.com.br